

## OS BOTOCUDOS NA EUROPA NA DÉCADA DE 1820, POR CHRISTRIAN FEEST<sup>1</sup>

### Resumo

Na década de 1820, pelo menos sete Botocudos de Minas Gerais (duas mulheres, quatro homens e uma criança) viviam na Europa, onde mais três crianças nasceram. Três deles residiram em lares de famílias imperiais ou nobres na Áustria e na Alemanha, enquanto outros quatro foram exibidos ao público na Inglaterra, Alemanha, Países Baixos e Bélgica, atraindo considerável atenção. Apenas um retornou ao Brasil, enquanto os restos mortais de pelo menos três se tornaram parte de coleções museológicas. Este artigo descreve as experiências desses testemunhos involuntários da diversidade cultural, inserindo-as no contexto da história de povos indígenas levados à Europa. Além disso, explora as motivações de seus “coletores”, as estratégias empregadas na exibição desses indivíduos e o impacto dessas práticas na percepção pública de “primitividade”, abordando tanto a alteridade quanto a humanidade compartilhada. Embora tenham sido apresentados ao público europeu como exemplos de um povo supostamente antropófago, colocado no nível mais baixo de desenvolvimento cultural, todos foram reconhecidos como seres humanos e, frequentemente, indivíduos cativantes.

**Palavras-chave:** Botocudos, exposições humanas, representação indígena

### Abstract

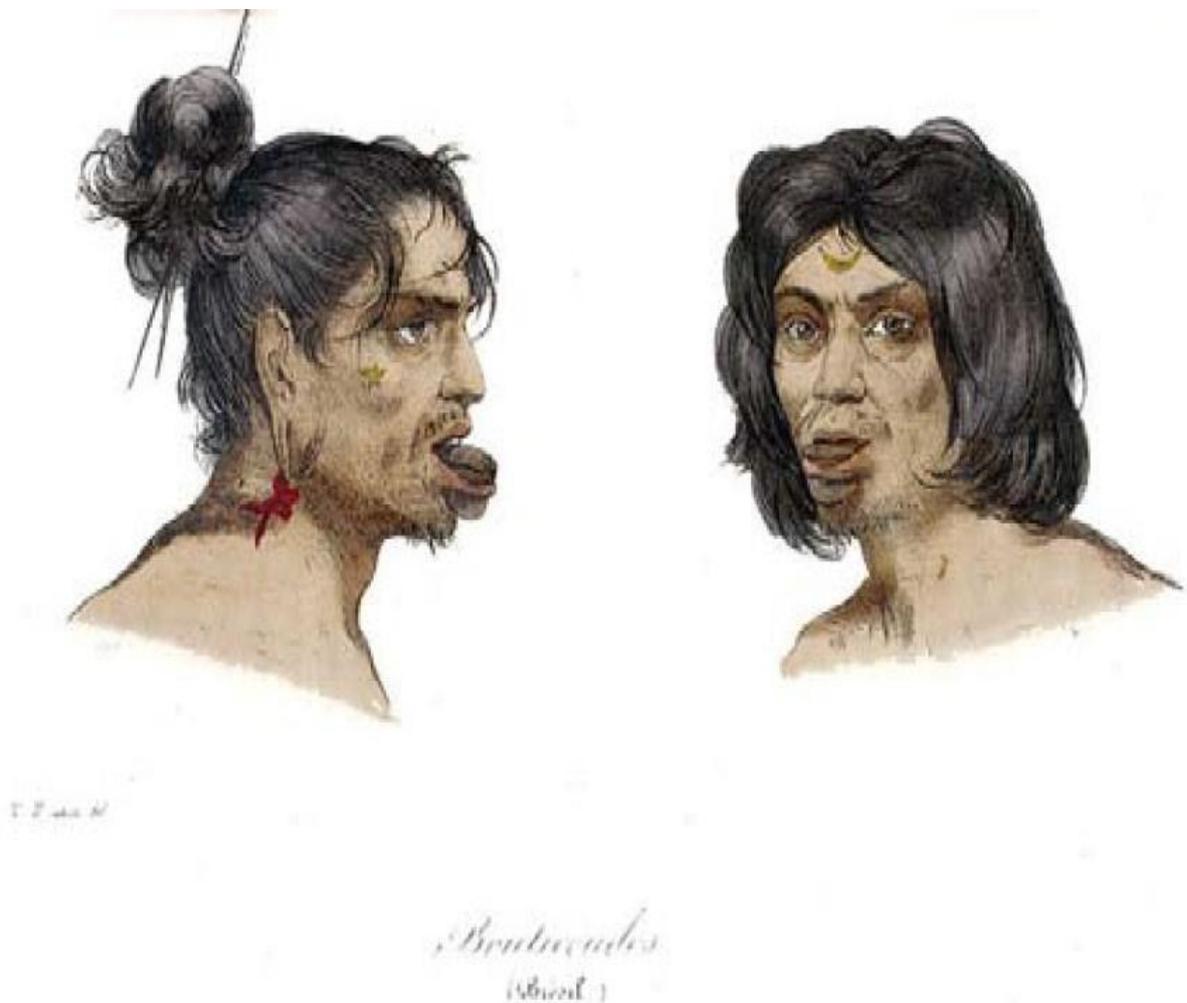
In the 1820s, at least seven Botocudos from Minas Gerais (two women, four men, and one child) lived in Europe, where three more children were born. Three of them resided in the households of imperial or noble families in Austria and Germany, while the other four were exhibited to the public in England, Germany, the Netherlands, and Belgium, attracting considerable attention. Only one returned to Brazil, while the remains of at least three became part of museum collections. This article describes the experiences of these involuntary witnesses of cultural diversity, placing them within the broader history of Indigenous peoples taken to Europe. It also explores the motivations of their “collectors,” the strategies used in exhibiting these individuals, and the impact of such practices on public perceptions of “primitiveness,” addressing both alterity and shared humanity. Although they were presented to European audiences as representatives of a supposedly cannibalistic people placed at the lowest level of cultural development, they were nonetheless recognized as human beings and, often, as captivating individuals.

**Keywords:** Botocudos, human exhibitions, Indigenous representation

---

<sup>1</sup>Etnólogo e etnohistoriador austríaco. Foi professor de Antropologia na Goethe University em Frankfurt am Main e diretor do Museu de Etnologia de Viena. O presente trabalho foi traduzido por Edson Krenak, ativista indígena, escritor e doutorando na Universidade de Viena (Áustria).

A longa história dos povos indígenas das Américas que viajaram ou foram levados para a Europa tem sido objeto de considerável pesquisa (por exemplo, Foreman 1941, Feest 1985, Sturtevant 1993, Forbes 2007, para citar alguns). Esses estudos fornecem evidências para a ampla gama de circunstâncias dessas visitas e das experiências resultantes ao longo de mais de cinco séculos.



**Figura 1:** "Bouticoudes (Brasil)." Litografia de Nicolas Maurin baseada em um desenho de Jacques Arago feito no Rio de Janeiro em 1818. Extraído de *Souvenirs d'un aveugle* (1839), de Arago, vol. 1, pranch. III.

Na literatura relacionada à exibição pública de povos indígenas (incluindo aqueles das Américas) no final do século XIX e início do século XX, o foco tem sido geralmente nos aspectos exploratórios e estereotipados de tais empreendimentos, muitas vezes sem investigar seriamente seu contexto histórico e cultural (por exemplo, Thode-Arora 1989, Staehelin 1993, Dreesbach 2005, Blanchard 2008, Blanchard et al. 2011, Qureshi 2011, Sauer 2016).

O presente artigo examina mais de perto os quatro casos conhecidos de Botocudos<sup>2</sup> que viveram na Europa na década de 1820, sendo que todos eles atraíram considerável atenção pública. Ele ilustra as semelhanças e diferenças de suas experiências e tenta explorar as motivações para removê-los de seu contexto social e cultural original (em outras palavras, para “coletá-los”), as estratégias de inserção deles no contexto social e cultural europeu (sua “exibição” no sentido mais amplo) e seu impacto sobre a percepção pública europeia de “selvageria” em termos de alteridade e humanidade compartilhada.

O contexto brasileiro de tudo isso é fornecido pelas fracassadas políticas indígenas portuguesas, particularmente após 1808, projetadas para resolver o problema representado especialmente pelos Botocudos e seus vizinhos indígenas, combinando uma “guerra justa” contra eles e tentativas de assimilá-los à sociedade colonial. A implementação de ambos os objetivos recaía amplamente sobre os ombros da Sétima Divisão Militar do exército e seu comandante Julião Fernandes Leão, estacionado no Quartel dos Arcos (atual Jequitinhonha). A assimilação foi promovida por meio de uma forma de servidão, pela qual as crianças indígenas deveriam trabalhar por 12 ou 20 anos para fazendeiros brancos como compensação por sua educação e como um meio de integração. Em Minas Gerais, onde não havia escravos afro-brasileiros suficientes disponíveis, essa prática rapidamente se transformou na escravização efetiva de crianças indígenas e promoveu um comércio ativo dessa nova mercadoria, no qual os próprios Botocudos participaram ativamente, inclusive realizando ataques contra outros grupos Botocudos quando seu próprio suprimento de crianças se esgotou. Leão, com ou sem razão, é frequentemente considerado uma figura-chave no comércio desses kurukas

---

<sup>2</sup> Eu estou usando o termo Botocudo como era normalmente usado e conhecidos os indígenas Borun ou krenak nos anos de 1820.

(Paraiso 2002, 2012, Cancela 2017).

No curso desses acontecimentos, Botocudos também foram levados ao Rio de Janeiro para demonstrar sua conquista e/ou o progresso de sua civilização ao Rei de Portugal, então residente naquela cidade<sup>3</sup>. Em janeiro de 1818, o artista francês Jacques Arago encontrou um desses grupos na Praia Grande, onde o chefe demonstrou alegremente sua habilidade como arqueiro, enquanto o artista conseguiu produzir esboços de retratos de dois dos homens (Figura 1; Arago 1839, 1: 175, pl. III)<sup>4</sup>. Alguns dos que foram levados ao Rio acabaram como serventes e escravos nas casas, especialmente as de diplomatas e outros estrangeiros<sup>5</sup>.

Quando o orientalista britânico William Ouseley esteve no Rio de Janeiro, em setembro de 1810, ele copiou um desenho feito pela Sra. Small, cunhada do cônsul-geral britânico, da "Rainha Brasileira," esposa de um chefe Botocudo que havia falecido poucos meses antes enquanto vivia na casa do cônsul (Figura 2; Ouseley 1819–1823, 1: 17–18, pl. III)<sup>6</sup>.

Pouco depois de sua chegada ao Rio como cônsul russo em 1813, o famoso explorador Georg Heinrich von Langsdorff enviou à Academia de São Petersburgo uma

---

<sup>3</sup> Chabert (1822b: 15; 1825: 14) relata que Leão havia levado 300 prisioneiros Botocudos de Minas Novas para o Rio de Janeiro para serem apresentados ao rei de Portugal, dos quais cerca de 100 se perderam no caminho “por suicídio, ou por conta de uma tristeza imoderada, ou deserção.” Isso deve ter ocorrido após a chegada do Rei João VI ao Brasil, em 1808, e antes de Leão se mudar de Minas Novas para Jequitinhonha, em 1811. Em 1813, o Major Wilhelm Feldner recebeu do governo um “dos Botocudos domesticados que haviam sido levados ao Rio” como guia para sua expedição à comarca de Porto Seguro. Este Simão mais tarde salvou a vida de Feldner (Feldner 1828, 2: 86–87, 137; Wied-Neuwied 1820–1821, 1: 283).

<sup>4</sup> Essa passagem aparece apenas na edição de 1839 do livro de Arago, juntamente com uma litografia baseada em seus desenhos e uma imagem um tanto fantasiosa de um Botocudo atirando em uma onça (prancha II). Para outros grupos de Botocudos levados ao Rio, veja abaixo. Em setembro de 1823, Maria Graham (1824: 294–296) viu na Praia Grande um grupo de cerca de 20 Botocudos “visitantes”. Ela afirma que eles foram incentivados a visitar os arredores da cidade, sendo “recebidos com gentileza, alimentados à vontade, e recebendo roupas, além de bijuterias e ornamentos que valorizavam” com o objetivo de civilizá-los. Eles estavam acompanhados por um intérprete pronto para responder às perguntas do público curioso que vinha vê-los em seu alojamento. Eles estavam dispostos a vender seus botoques e arcos, mas também pediam dinheiro.

<sup>5</sup> Em 1819, um viajante alemão observou a presença de alguns “escravos Botocudos” no Rio de Janeiro (Leithold 1820: 82). Pelo menos dois crânios de Botocudos coletados por Friedrich Sellow, que havia acompanhado Maximilian em parte de suas viagens pelo Brasil, foram entregues à coleção anatômica da Universidade de Berlim antes de 1827 e pertenciam a servos de europeus residentes no Rio de Janeiro (Schadow 1835, 2: 20; Stoecker 2014: 203, 208 e Abb. 1). Em 1828, um visitante francês ouviu falar de um Botocudo que vivia com um naturalista inglês, a quem havia acompanhado em uma viagem ao interior do país (Jacquemond 1841: 52).

<sup>6</sup> Maximilian observou e comentou sobre essa ilustração (Wied-Neuwied 1820–1821, 2: 4n\*), que desde então nunca foi mencionada na literatura sobre os Botocudos.

descrição de um Botocudo que ele havia encontrado na cidade (Becher 1987: 4). Em julho de 1815, Langsdorff foi visitado pelo Príncipe Maximilian de Wied-Neuwied, que estava prestes a iniciar suas viagens pelo Brasil (Wied-Neuwied 1820–1821, 1: 32). Ambos tinham sido alunos em Göttingen de Johann Friedrich Blumenbach, o fundador da antropologia física, e talvez Langsdorff tenha sido lembrado por Wied do interesse de Blumenbach na aquisição de um crânio de um suposto canibal brasileiro<sup>7</sup>.

Ele recorreu ao Conde de Barca para obter ajuda, que, por sua vez, solicitou ao “comandante distrital dos índios” em Minas Gerais — certamente não Leão, que à época estava preso em Vila Rica por acusações das quais foi posteriormente absolvido<sup>8</sup> — que providenciasse um crânio de Botocudo. Como não era fácil obter um crânio, o comandante enviou dois jovens Botocudos, um dos quais foi entregue a Langsdorff, provavelmente antes do final de 1816. O cônsul gostava do jovem de quinze anos, levou-o em suas excursões naturalistas pela região e o enviou para Santa Helena para coletar insetos para ele. No entanto, no verão de 1817, os viajantes bávaros Spix e Martius consideraram o “menino canibal” mais como uma “peça viva de gabinete”<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Sobre a coleta de crânios realizada por alemães no início do século XIX, especialmente no Brasil, consulte Stoecker (2014).

<sup>8</sup> Na época da estadia de Saint-Hilaire no Jequitinhonha, em 1817, fazia apenas alguns meses que Leão havia retornado de Vila Rica (1830, 2: 145). O nome de Leão foi escrito como “Leme” por Pohl (1832–1837, 2: 467; Wiener Zeitschrift, 18 de outubro de 1821: 1167) e mais tarde também por Maximilian (Wied-Neuwied 1850: 97).

<sup>9</sup> Arago também se refere ao Botocudo de Langsdorff, que demonstrou o uso de arco e flechas a bordo do navio francês e acompanhou o artista em passeios pela cidade. No entanto, Arago estima que ele tinha apenas entre oito e dez anos de idade e afirma que havia sido retirado de sua comunidade dois anos antes — época em que os dois Botocudos foram enviados ao Conde de Barca. Talvez Langsdorff tenha cuidado de ambos. O retrato do menino feito por Arago pode não ter sobrevivido (Arago 1822, 1: 150–151; 1839, 1: 175–176).



**Figura 2** "Canibal Feminina do Brasil." Gravura de H. Mutlow baseada em uma cópia feita em 1810 por William Ouseley de um desenho de Mrs. Snell. Extraído de *Travels in Various Countries of the East* (1819–1823), de Ouseley, vol. 1, pranch. III.

O menino faleceu antes do retorno temporário de Langsdorff à Europa em 1820, e foi relatado que ele havia doado seu crânio ao Instituto Nacional em Paris<sup>10</sup>. Na mesma época, Blumenbach já havia recebido um crânio de Botocudo de Maximilian (Saint-Hilaire 1830, 1: 51; Martius 1818: 355; Spix e Martius 1823–1828, 1: 96–97; Henderson 1821: 99)<sup>11</sup>.

No contexto atual, o caso mais interessante (e bem documentado) é o do jovem Botocudo Firmiano, que acompanhou o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire durante cerca de cinco anos em suas viagens pelo Brasil, mas que, no final, recusou o convite para ir com ele a Paris (figura 3). Quando Saint-Hilaire partiu do Rio de Janeiro

---

<sup>10</sup> Não parece haver evidências de que esse crânio tenha ido para Paris e/ou sobrevivido em uma coleção parisiense (Quatrefage e Hamy 1882: 476). É possível que ele tenha permanecido em posse de Langsdorff e, após sua morte, passado para o museu em Freiburg i.Br., que, além de um crânio Botocudo não documentado, possui alguns objetos etnográficos coletados por Langsdorff (Ecker 1880: 44).

<sup>11</sup> O crânio Botocudo coletado por Maximilian foi registrado no catálogo de Blumenbach como "um Botocudo canibal do Brasil, de Pr. Max de Neuwied" (Blumenbach n.d. b: 5) e publicado em suas *Decades* (Blumenbach 1820: pl. 58). Este foi apenas o primeiro crânio Botocudo de Blumenbach. Pouco depois, outro foi adicionado à sua coleção por um de seus antigos alunos, Wilhelm Heinrich Eschwege, o geólogo alemão a serviço de Portugal, que contribuiu para a imagem alemã dos Botocudos como antropófagos (Blumenbach n.d. b: 5; Sprengel 1877: 70–71; Eschwege 1818: 88–94).

em dezembro de 1816 para sua primeira expedição a Minas Gerais, ele estava acompanhado por Langsdorff e seu assistente Botocudo (Saint-Hilaire 1830, 1: 51). Ao chegar ao Jequitinhonha, Saint-Hilaire ficou chocado com o comércio desenfreado de crianças Botocudo, incentivado pela Sétima Divisão Militar, e creditou a Julião Leão a tentativa de conter as hostilidades entre os grupos Botocudo decorrentes dessa situação (Saint-Hilaire 1830, 1: 437; 2: 143–148). Inspirado pelo exemplo de Langsdorff, Saint-Hilaire perguntou sobre a possibilidade de levar um jovem Botocudo em sua viagem.

O pedido foi recusado pelo chefe Joahima, de São Miguel, a aldeia próxima ao Quartel dos Arcos, pois quase não havia mais crianças para serem entregues. Foi então feita uma solicitação ao chefe Janoé, da banda Tujicarâma, que relutantemente ofereceu uma menina em vez de um menino. Ela foi entregue por seu pai em troca de alguns "presentes," e Leão assegurou a Saint-Hilaire que seria sempre possível trocá-la por um menino com um fazendeiro local. No entanto, a menina chorava e se lamentava tanto que o naturalista francês decidiu devolvê-la à sua família, que demonstrou pouco interesse em recebê-la de volta. Nesse ponto, Saint-Hilaire aceitou o pedido de um jovem para acompanhá-lo em suas viagens, mas este voluntário desapareceu após poucos dias (Saint-Hilaire 1830, 2: 169–170, 196–203, 214–215). Leão finalmente conseguiu satisfazer o desejo de Saint-Hilaire com a ajuda de Raimundo Ferreira de Souza, um ex-desertor da Sétima Divisão Militar que havia encontrado refúgio entre os Botocudos, onde ascendeu a uma posição de liderança antes de ser reintegrado por Leão ao serviço do exército. Raimundo entregou a Saint-Hilaire um menino de quinze ou dezesseis anos chamado Firmiano (figura 3), o filho de um chefe conhecido pelos portugueses como Capitão Branco, aparentemente sem qualquer compensação. Embora Firmiano tivesse consentido livremente em acompanhar Saint-Hilaire, o francês ainda alimentava escrúpulos quanto aos aspectos éticos dessa transferência, mas aliviava sua consciência ao considerar o destino dos outros jovens Botocudos que haviam caído nas mãos de seus vizinhos portugueses. Ele esperava “que seria fácil tornar Firmiano mais feliz do que ele fora em São Miguel e... que não seria difícil melhorá-lo.”

Após viajar com Firmiano por cerca de quatro anos, Saint-Hilaire, “em tributo à liberdade dos índios, pela qual um amigo da humanidade não poderia deixar de levantar sua voz,” perguntou a seu companheiro, a quem quase chegara a considerar como um

filho, se estaria disposto a ir com ele para Paris, com o propósito de “fazer a França conhecer esta nação singular,” mas também “como uma espécie de monumento de minha viagem.” Quando Firmiano recusou o convite, foi conduzido em segurança de volta a São Miguel (Saint-Hilaire 1830, 2: 226–228; 1887: 436).



**FIRMIANO.**

**Figura 3:** “Firmiano.” Litografia de Longlumé baseada em um desenho de Auguste de Saint-Hilaire, 1817–1822. Extraído do livro *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes* (1830), volume 1, frontispício

A relação entre Saint-Hilaire e Firmiano, juntamente com muitas observações perspicazes sobre as experiências do jovem Botocudo longe de casa, pode ser ainda mais detalhada nos relatos de viagem subsequentes do naturalista (Saint-Hilaire 1833, 1847–1848, 1851, 1887). Com o tempo, no entanto, Saint-Hilaire não conseguiu superar a decepção de ter sido rejeitado por seu pupilo e culpou a si mesmo “pela infelicidade de tê-lo tirado de suas florestas.” Contudo, também culpou Firmiano, descrevendo-o como “um homem que permanecerá para sempre intelectualmente uma criança e para quem é impossível compreender que ele não passa de uma criança que nunca será útil para mim e que é insusceptível de apego ou gratidão” (Saint-Hilaire 1887: 436–441).

## **Joachim Quäck/Nuguäck e Maximilian, Príncipe de Wied-Neuwied**

O único Botocudo que viveu na Europa ao longo da década de 1820 foi Quäck<sup>12</sup>, que já havia chegado em fevereiro de 1818 juntamente com a coleção de história natural e etnográfica do leste do Brasil, reunida por Maximilian, Príncipe de Wied-Neuwied, durante suas viagens entre 1815 e 1817. O relato publicado dessa expedição menciona Quäck tanto como informante quanto como companheiro de viagem, mas não fornece pistas sobre a razão ou as circunstâncias de sua aquisição por Maximilian. No relato cronológico, Quäck faz sua primeira aparição em janeiro de 1817, cerca de seis semanas após o príncipe ter deixado os Botocudos residentes nas proximidades do Quartel dos Arcos, no Jequitinhonha (Figura 4; Wied-Neuwied 1820–1821, 2: 57). Pelo menos no que diz respeito às circunstâncias, informações adicionais são fornecidas em uma carta escrita por Maximilian em 1861 ao diretor do Museu Anatômico de Bonn<sup>13</sup>. Nessa correspondência, Maximilian afirma que havia “trocado” Quäck em julho de 1816 com Morreira de Pinha, professor de latim em Porto Seguro, e que ele era um dos 20 a 30 Botocudos levados ao Rio de Janeiro “como curiosidades” e “com falsas promessas” por Marcelino da Cunha, o ouvidor da comarca de Porto Seguro. Após o retorno do grupo, da Cunha apresentou alguns deles a “seus amigos e protegidos” e “deixou [os outros] em sua miséria” (Wied-Neuwied 1861; cp. 1850: 97). No relato de viagem, Maximilian refere-se ao seu encontro anterior com da Cunha, que estava acompanhado por um grupo de cerca de uma dúzia de jovens Botocudos — os remanescentes do grupo que havia estado no Rio e que foram devolvidos às suas famílias durante a estada de Wied no Quartel dos Arcos, em setembro (Wied-Neuwied 1820–1821, 1: 236–237). Contudo, em uma adição posterior ao seu diário, Maximilian fornece uma versão mais elaborada do que ocorreu: de Pinha havia recebido dois

---

<sup>12</sup> A forma mais antiga de grafia, “Quäcke” em vez de “Quäck” (por exemplo, Löschner e Kirschstein-Gamber 1988: 132; Bernstein 1818), foi resultado da prática, em português, de adicionar um [i] epentético ao final de palavras após consoantes, como [k], que não podem ocorrer em posição final.

<sup>13</sup> As únicas tentativas sérias anteriores de reunir os dados sobre Quäck na Alemanha foram feitas pelo historiador local de Neuwied, Bernd Willscheid (2002, 2017). Sou grato não apenas a essas publicações, mas também às informações adicionais fornecidas por ele.

Botocudos de da Cunha e planejava enviá-los a seus parentes em Portugal. Wied havia anteriormente tentado, sem sucesso, adquirir “um índio assim” e agora pressionava seu anfitrião para que lhe cedesse um deles. Finalmente, chegaram a um acordo em que o príncipe comprou um cavalo e uma arma portuguesa, além de dar um “bom telescópio” em troca de Quäck (Willscheid 2017: 92; cp. Wied-Neuwied 1820–1821, 1: 302).



**Figura 4** Quäck, instruído por Simonis, atira na grande borboleta." Desenho em aquarela de Maximilian Pince de Wied- Neuwied, provavelmente baseado em um esboço feito em janeiro de 1817. Brasilienbibliothek der Robert-Bosch-Stiftung, Stuttgart.

O retorno das crianças que haviam sido levadas ao Rio era ansiosamente esperado e foi finalmente recebido por suas famílias com alegria e até algumas lágrimas na época da chegada de Wied (Wied-Neuwied 1820–1821, 2: 333, 335). Poder-se-ia esperar as mesmas emoções em relação a Quäck quando ele reapareceu na companhia do príncipe, mas não há menção disso. É possível que Wied tenha considerado inapropriado compartilhar com seus leitores essa potencial fonte de conflito com a comunidade local, mas não há indicações de que tal conflito tenha existido. Só se pode supor que Quäck

pertencia a outra comunidade Botocuda e que nenhum de seus parentes estava presente para recebê-lo de volta<sup>14</sup>. Isso também pode explicar por que da Cunha entregou Quäck e algumas outras crianças Botocudas a De Pinha e outros, em vez de devolvê-las ao Quartel dos Arcos.

Não há evidências para a sugestão de que o príncipe solteiro possa tê-lo adquirido como amante ou de que Maximilian fosse homossexual (Riedl 1996: 120; Bernd Willscheid, comunicação pessoal, 2019). Seu desejo de ter um menino Botocudo pode ter sido inspirado pelas experiências de viajar com o zoólogo Wilhelm Freyreiss, que era acompanhado pelo jovem Coropo Francisco e que, durante a jornada, adquiriu um menino Puri para seu pai em troca de uma camisa, duas facas, um pedaço de tecido, algumas peças de vidro e um espelho (Wied-Neuwied 1820–1821, 1: 47, 143). Assim, Quäck provavelmente foi destinado a servir como um ajudante adaptado à vida nas selvas brasileiras, assim como Francisco foi para Freyreiss ou Firmiano para Saint-Hilaire, mas ele também enriqueceu a coleção etnográfica de Maximilian de uma maneira incomum (Figura 5). Em todos os três casos, os “coleccionadores” europeus argumentaram, explicita ou implicitamente que era melhor que os jovens viajassem com eles em vez de serem escravizados no Brasil<sup>15</sup>.

Wied também levou consigo para a Alemanha um afro-brasileiro do Rio, que faleceria em Neuwied em 1820. Em julho de 1815, Wied adicionou à sua expedição William Russels, um “mulato” dos Estados Unidos, para servir como cozinheiro e taxidermista e “impressionar os Botocudos”. Russels foi aparentemente substituído no Brasil por um “jovem negro da Bahia” cujo nome não foi registrado por Maximilian (Bernstein 1818: 175; Willscheid 2002: 182; 2017: 103). Tanto Quäck quanto o jovem da Bahia obviamente eram esperados para acompanhar seu mestre aonde quer que ele fosse, sem muita consideração sobre o que lhes aconteceria no exterior. É improvável que o príncipe tenha pedido permissão a qualquer um deles para levá-los à Europa, como Saint-Hilaire fez com Firmiano. Retratos análogos pintados em Neuwied de ambos, Quäck e o

---

<sup>14</sup> Willscheid (2002: 180; 2017: 92) sugeriu a possibilidade de que Quäck tivesse sido um órfão.

<sup>15</sup> Saint-Hilaire (1824: 195) expressou explicitamente seus temores de que, em caso de sua morte, Firmiano estaria em perigo de ser escravizado. Freyreiss (1968: 69) estava plenamente ciente de que muitos Coropós haviam se tornado escravos; veja também Wied-Neuwied (1820–1821, 1: 162).

jovem da Bahia, sugerem uma analogia estrutural deles como tipos de espécimes, independentemente da associação mais próxima de Maximilian com Quäck<sup>16</sup>.



**Figura 5** Quäck acompanha o Príncipe Maximilian em sua expedição ao Brasil.

Ao escrever seu relato de viagem após a chegada de Quäck a Neuwied, ele pode ter tido segundas intenções: “Todos esses selvagens, que foram alienados de suas florestas maternas primitivas e trazidos para a sociedade dos europeus, suportaram essa imposição por algum tempo, mas, enquanto isso, ansiavam pelo lugar de seu nascimento e muitas vezes fugiam se seus pedidos não eram atendidos” (WiedNeuwied 1820–1821, 2: 18). E, após seu retorno da América do Norte em 1834, ele comentou: “Eu gostaria de ter levado comigo um indígena norte-americano, mas isso não era fácil, já que essas pessoas muitas vezes sentem saudades de casa e é preciso enviá-las de volta, o que gera custos

---

<sup>16</sup> O retrato do “Baiano” foi inicialmente identificado erroneamente como William Russels por Susanne Koppel (comunicação pessoal, 5 de fevereiro de 2019) e publicado como tal por Willscheid (2017: 101).

consideráveis” (Wied-Neuwied para C. F. P. Martius, 6 de janeiro de 1835, em Läng 1976: 128). Assim, a atração por coletar seres humanos vivos continuou, mas a lição ensinada por Quäck foi aprendida.

Segundo Maximilian, Quäck tinha “talvez onze ou, no máximo, doze anos” em 1816<sup>17</sup>. Ele acompanhou o príncipe no Brasil por cerca de dez meses e foi encorajado a caçar pássaros, borboletas e outros pequenos animais (Figura 4; Wied 1861; Löschner e Kirschstein-Gamber 1988: 132)<sup>18</sup>. Ele não retornou para a Alemanha junto com Maximilian, mas permaneceu no Brasil por mais seis meses, até que as volumosas coleções reunidas ao longo de três anos estivessem prontas para envio. No navio, teve que dormir nas cordas no porão de carga, mas ao chegar a Neuwied, em 12 de fevereiro de 1818, causou considerável atenção como a “mais rara” das “muitas curiosidades naturais” coletadas pelo príncipe (Figura 6). Um longo relato sobre Quäck, escrito pelo médico pessoal de Maximilian, Dr. Bernstein, foi imediatamente publicado no jornal local e reimpresso em outros periódicos alemães (Bernstein 1818)<sup>19</sup>. O texto descreve em detalhes o físico do recém-chegado, observa que ele já havia se desfeito de seus botoques, mas também descreve suas demonstrações do uso de arco e flecha e sua performance de uma canção Botocudo. Todos os moradores da cidade vieram ver esse “homem da natureza” da “tribo mais selvagem e formidável” enquanto ele “se aquecia ao lado do fogão, quieto, sério, mantendo uma expressão impassível e sem dar atenção à multidão que o observava”. Mas “quem o visse sentado à luz do lampião, solitário na noite silenciosa, poderia facilmente toma-lo por um filósofo perdido em pensamentos.” O encontro pessoal com um ser humano obviamente superava as expectativas despertadas pelo estereótipo. Um clérigo que viu Quäck em 1821 concluiu suas observações com o

---

<sup>17</sup> O registro de óbito de Quäck, de 1834, indica que ele tinha “cerca de 34 anos” (Willscheid 2002: 188–189; 2017: 102). Fischer (1819, 2: 163), que de outra forma parafraseia o relato de Bernstein, indica independentemente que Quäck tinha treze anos em 1818/9, o que está de acordo com a declaração de Maximilian. A ilustração de um Botocudo no livro de Fischer (1819, 1: em frente à página 73), baseada em um desenho então ainda inédito de Maximilian (ou Friedrich Sellow), demonstra que ele não estava apenas confiando em evidências já publicadas.

<sup>18</sup> Tais atividades eram apropriadas para meninos dessa idade entre os Botocudos. Feldner (1828, 2: 145) viu um menino Botocudo de oito a dez anos atirar em moscas e insetos com uma flecha sem ponta

<sup>19</sup> O relatório foi impresso anonimamente; a linguagem da descrição da cabeça de Quäck identifica claramente o autor como um médico com experiência na área de antropologia física. O acesso contínuo a Quäck e aos desenhos de Wied aponta ainda para Bernstein, que era um confidente próximo de Wied e publicou extensivamente em revistas médicas, como o provável autor.

comentário de que “a natureza antropofágica que manchava sua selvagem tribo primordial não era, a propósito, expressa em seus pequenos e amistosos olhos piscantes” (Mayer 1822: 172–173).

Poucos dias depois, o jovem foi apresentado ao chanceler prussiano Príncipe Hardenberg. Ele não ficou nem um pouco embaraçado com o esplendor da ocasião, mas ao retornar a Neuwied comentou que havia sido “bom” lá. Bernstein descreve Quäck como “de boa índole”, mas também como um “homem livre que não pode ser forçado ou mandado, mas que por meio de boas palavras pode ser convencido a fazer o que lhe é solicitado.” De maneira calorosa, ele demonstrava seu afeto e gratidão ao “seu benfeitor, que, por sua vez, se abstinha de dizer-lhe qualquer coisa desagradável, para a qual Quäck também não dava motivo” (Bernstein 1818).

Nos dezesseis anos seguintes, visitantes ocasionais continuaram a vir para assistir ao “doméstico pessoal” do príncipe disparar com seu arco e flechas e ouvi-lo cantar suas canções<sup>20</sup>. Eles mostravam sua apreciação dando-lhe algum dinheiro. Ele aprendeu a usar uma arma de fogo e saía para caçar com Dreidoppel, o guarda-caça de Maximilian, que ele conheceu no Brasil e durante a viagem de navio para a Alemanha. Quando chegou a Neuwied, Quäck falava um pouco de português, mas logo adicionou ao seu repertório “seu próprio alemão, que ele mesmo inventou, mas que era compreendido por aqueles ao seu redor”<sup>21</sup>. O príncipe o utilizava como informante sobre detalhes da etnografia Botocuda e, especialmente, sobre a língua. Ainda assim, é decepcionante ler o que Maximilian escreveu após a morte de Quäck: “É muito lamentável que ele tenha morrido cedo demais, pois ele já havia se desenvolvido muito e logo seria capaz de fornecer informações interessantes sobre as ideias religiosas, os costumes e os modos de vida de sua própria nação e das nações brasileiras relacionadas” (Wied 1861; Figuras 7–9).

---

<sup>20</sup> Relatórios publicados em 1819 incluem Hesperus (1820) e Müller (1821, 1: 80–81).

<sup>21</sup> Maximilian parece ter se esforçado em transformar a mente de Quäck através de uma educação formal. A sobrinha do príncipe, Carmen Sylva, mais tarde comentara que Quäck depois de meses de escola ainda contava um, dois, três, muito, muito (Willscheid 2002: 185; 2017: 97); eles relataram que os numerais dos Botocudos eram contagem de dois ou cinco (Ehrenreich 1887: 46, Knoche 1913: 398).



**Figura 6** "Quäck, o Botocudo." Desenho anônimo, provavelmente feito pouco após a chegada de Quäck a Neuwied, c. 1818. Brasilienbibliothek der Robert-Bosch- Stiftung, Stuttgart.

Maximilian pode tê-lo levado para visitar Blumenbach em Göttingen, que demonstrou grande interesse pelo “honesto Quäck” e ficou grato por receber seu retrato e uma amostra de seu cabelo (Willscheid 2002: 186; 2017: 97; Blumenbach s.d.b: 16)<sup>22</sup>. Ele o acompanhou ao teatro na vizinha Koblenz, onde, de acordo com uma anedota frequentemente repetida, Quäck quase causou um tumulto ao morder a peruca empoadada de um homem idoso sentado à sua frente, acreditando que fosse feita de açúcar (por exemplo, Augsburg Postzeitung, 1 de maio de 1836; Buchner 1882, 2: 22–23). Eles também podem ter visitado museus. O livro de registros do Museu GrãoDucal em

---

<sup>22</sup> Uma segunda imagem “notavelmente semelhante” de Quäck, feita pelo irmão de Maximilian, Carl, aparentemente foi enviada por Maximilian a Blumenbach antes de sua partida para a América do Norte em 1832 (Blumenbach n.d. a: 5r; n.d. b: b:21; Urban 1987: 169).

Darmstadt contém uma entrada referente a um conjunto de tacapes do século XVIII provenientes da Guiana, que “alguns anos atrás foram alegremente reconhecidos como armas patrióticas por um Botocudo a quem a coleção foi mostrada” (Walther 1844: 25)<sup>23</sup>.

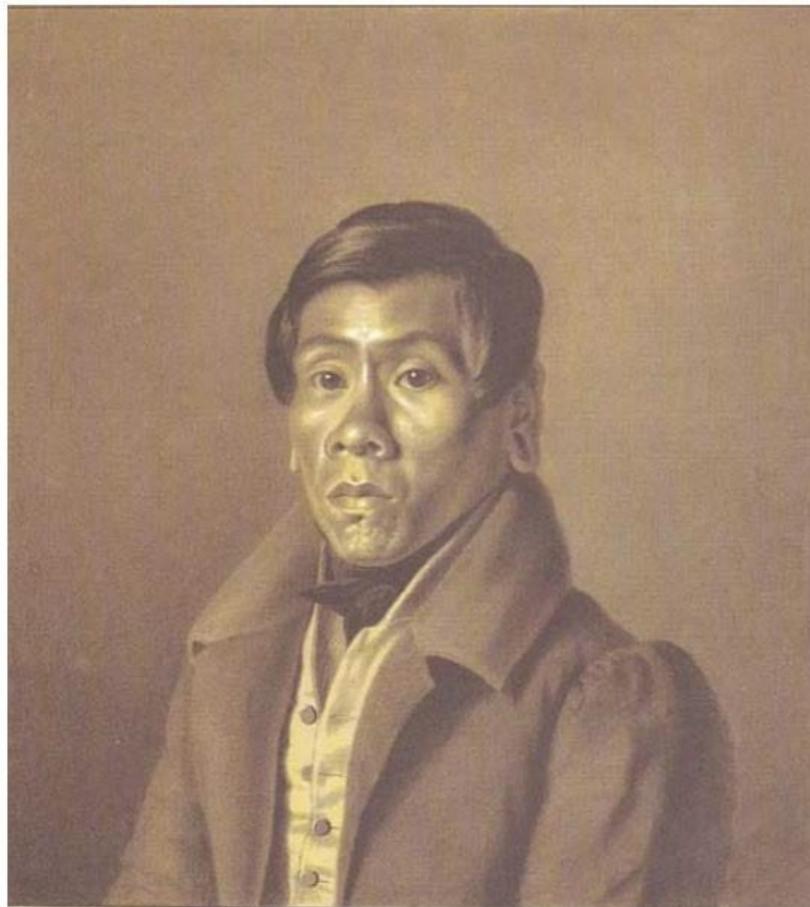
Ainda assim, Quäck provavelmente experimentou uma profunda solidão, o que o levou a gastar o dinheiro que recebia em bebidas alcoólicas, imitando um comportamento que talvez tivesse observado entre parentes no Rio ou no Jequitinhonha. Em uma ocasião, desesperado por estar sem dinheiro, ele quase se envenenou ao beber álcool de sabão que encontrou na casa. Diversas vezes, Quäck contraiu pneumonia após adormecer na neve em estado de embriaguez (Wied 1861; Willscheid 2002: 188; 2017: 102). Em 22 de maio de 1834, enquanto Maximilian estava na América do Norte, a administração de Neuwied publicou um aviso em um jornal local pedindo que os comerciantes e taberneiros não fornecessem bebidas alcoólicas a Quäck, seja por pagamento direto ou crédito. Apenas cinco semanas depois, o mesmo jornal noticiou sua morte em 1º de junho de 1834, aos 34 anos, descrevendo-o como "nascido no Brasil, da tribo dos índios Botocudos, e empregado doméstico de Sua Alteza Sereníssima Príncipe Maximilian de Wied." A causa da morte foi registrada como "inflamação do fígado" (Willscheid 2002: 188–189; 2017: 99, 102).

Maximilian referiu-se afetuosamente a ele como “meu bom, pobre Quäck” em 1835 (Läng 1976: 128). Embora Quäck tenha sido provavelmente sepultado no Antigo Cemitério de Neuwied, seu descanso não foi final. O Dr. Bernstein, interessado em anatomia e craniologia, separou a cabeça de Quäck e a preservou em etanol como espécime científico, incluindo o cérebro e outros tecidos moles (Bernstein 1834; Willscheid 2017: 102–103). Este procedimento chamou a atenção do anatomista Friedrich Tiedemann, que estava conduzindo estudos comparativos e antirracistas sobre os cérebros de africanos, outros humanos e orangotangos para demonstrar a unidade das faculdades mentais humanas e sua distinção das dos primatas. Em 1835, Tiedemann expressou interesse em estudar o cérebro de Quäck, mas parece que nunca conseguiu visitar Neuwied. Assim, o crânio ou cérebro de Quäck não foram incluídos em seus estudos (Tiedemann 1836, 1837).

---

<sup>23</sup> O único outro Botocudo que pode ter sido visitante em Darmstadt é Jacqui Engeräckmung

Em algum momento entre 1835 e 1861, o crânio de Quäck, com a parte superior separada para a extração do cérebro, foi depositado por Maximilian no Museu Anatômico da Universidade de Bonn, onde foi reunido ao crânio de um acompanhante afrobrasileiro que Maximilian havia levado anteriormente para a Alemanha. Separado do que foi descrito como a "máscara de um Botocudo em etanol"<sup>24</sup> (Schaaffhausen 1877: 66)—provavelmente uma preparação do tecido facial de Quäck—, os restos tornaram-se parte de coleções anatômicas (Wied 1861; Schaaffhausen 1877: 48– 49, 54–55; Willscheid 2002: 189; 2017: 102–103)<sup>25</sup>.



**Figura 7** Quäck em Neuwied. Desenho de Karl zu Wied-Neuwied, c. 1823. Brasilienbibliothek der Robert-Bosch-Stiftung, Stuttgart.

---

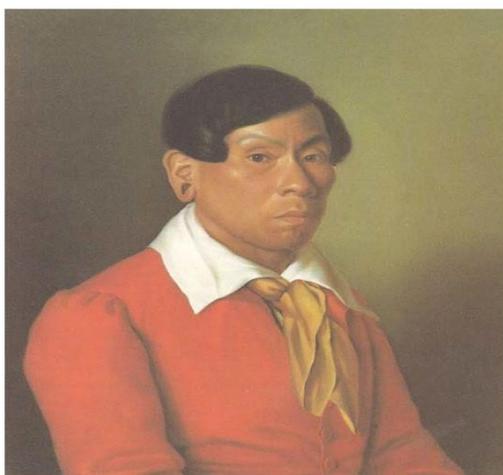
<sup>24</sup> Essa "máscara" não sobreviveu em Bonn. Sou grato ao Prof. Karl Schilling, diretor do Museu de Anatomia da Universidade de Bonn, por compartilhar comigo informações sobre as evidências documentais relacionadas ao crânio e à "máscara", bem como suas reflexões sobre a relação entre Quäck e Maximilian.

<sup>25</sup> Sobre o contínuo interesse científico em crânios Botocudos, veja especialmente Strauss et al. 2015.

Essa aparente contradição entre sentimentos pessoais e a "objetividade" científica é mais um reflexo das sensibilidades contemporâneas projetadas sobre o passado. Com o tempo, essas sensibilidades, juntamente com a constatação de que os crânios Botocudos haviam perdido sua relevância científica, levaram, em 2011, ao retorno dos restos de Quäck ao Vale do Jequitinhonha, onde foram entregues à comunidade Borun local. Este evento foi celebrado pela comunidade como o retorno de Kuêk (ou Nuguäck) ao seu lar ancestral (Embaixada 2011; Melo e Pelli 2011; Schilling 2011).

### **Francesca Kruk, João Bruhudnuk, Johann Emmanuel Pohl e o Imperador Franz I<sup>26</sup>**

Em setembro de 1820, Johann Emanuel Pohl, um membro do grupo austríaco de naturalistas enviado ao Brasil em 1817 na ocasião do casamento da arquiduquesa Leopoldina com Dom Pedro, o futuro imperador do Brasil, estava viajando pelo país Botocudo no Rio Jequitinhonha. Embora as instruções oficiais dadas aos cientistas não incentivassem a coleta de objetos etnográficos e apenas sugerissem a possibilidade de coletar crânios humanos para a coleção de Blumenbach, Pohl (como outros membros da expedição) ficou intrigado com os povos indígenas e suas produções materiais<sup>27</sup>. Durante sua estadia em São Miguel, foi oferecido pelo Capitão Felis Coelestino da Motta a Pohl o filho de um chefe Botocudo para levar com ele para a Europa.



**Figura 8** "Quäck em Neuwied." Pintura em óleo sobre tela de Karl zu Wied-Neuwied, c. 1823. Brasilienbibliothek der Robert- Bosch-Stiftung, Stuttgart.

<sup>26</sup> Uma versão anterior deste capítulo foi publicada em Schmutzer e Feest (2014: 269–274). Aqui, ela é resumida, corrigida em alguns detalhes e enriquecida com dados adicionais.

<sup>27</sup> Sobre as atividades etnográficas dos cientistas austríacos, consulte Augustat (2012), Feest (2012, 2014); para as de Pohl em particular, veja Augustat (2014).

O Capitão Felis apresentou Pohl ao chefe como sendo seu irmão que levaria seu filho para a mãe deles, daria a ele belos botoques e o traria de volta em breve. O chefe ficou feliz em deixar seu filho Vicente ir com Pohl em troca de algumas facas, farinha, carne seca, sal e tabaco.



**Figura 9** “Retrato muito fiel de Quäck pintado pelo Sr. Cloß, finalizado em 10 de abril de 1832. A pele de Quäck sempre clareava um pouco durante o inverno, mas aqui a cor básica está representada um pouco mais clara do que era na realidade, tendendo mais para o marrom acinzentado. Seus traços estão muito bem representados”. Desenho em aquarela e lápis de Friedrich Theodor Kloß. Brasilienbibliothek der Robert-Bosch-Stiftung, Stuttgart.

No terceiro dia após Pohl ter deixado São Miguel, entretanto, Vicente desapareceu e voltou para sua aldeia, e Pohl ficou feliz por ter se poupado de previsíveis problemas. Em setembro, no entanto, ainda na estrada, Pohl recebeu uma carta de Leão prometendo enviar-lhe outro índio para o Rio, que ele poderia levar para Viena (Pohl 1832–1837, 2: 450–451, 456, 474).

Quando Pohl chegou ao Rio em 28 de fevereiro de 1821, ele soube que Leão já havia trazido um bando de 50 Botocudos para a cidade para serem apresentados ao rei e se estabelecerem em uma colônia perto do Rio, um plano nunca implementado por causa da turbulência militar em torno da independência do Brasil (WienerZeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode, 17 de novembro de 1821: 1168; Fitzinger 1824: 41). Dois deles — João e Francesca, ambos com cerca de 20 anos — foram dados a Pohl, cujo relato

faz parecer que a oferta do Capitão Felix foi espontânea. Mesmo que esse fosse o caso, Pohl deve ter considerado os dois espécimes humanos como uma adição interessante à sua coleção. Embora ele não pudesse ter sido inspirado pelo exemplo de Maximiliano, a decisão pode ter sido baseada em uma combinação semelhante de oportunidade e a prática comum de naturalistas de coletar evidências materiais para estudo posterior. Nessa perspectiva, ter um macho e uma fêmea da espécie era certamente preferível. No caso de Pohl, no entanto, não havia interesse pessoal nessa questão. Toda a coleção se tornaria propriedade do Imperador Francisco I da Áustria. A pedido de Pohl, o encarregado de negócios austríaco obteve permissão para ter os Botocudos “anexados ao transporte austríaco”<sup>28</sup>. Em 16 de abril, o grupo deixou o Rio de Janeiro no navio britânico Northumbria. O progresso deles foi atrasado por um desvio para a Bahia e pelo mau tempo, mas eles finalmente chegaram a Plymouth em 28 de julho e Amsterdã em 2 de agosto, após exaustivos 109 dias a bordo (Wiener Zeitschrift, 5 de dezembro 1821: 1220; Morning Chronicle [Londres], 31 de julho de 1821: 4). Em Amsterdã, Francesca deu à luz uma filha, cujo pai havia permanecido no Brasil (Bremer Zeitung, 2 de outubro 1821: 2–3; Flora [München], 12 de outubro de 1821: 660)<sup>29</sup>.

Ela demonstrou pouco interesse no bebê e até ameaçou matá-lo. Para evitar que Francesca matasse o bebê, foi necessário contratar uma ama em Mainz para cuidar da criança. Quando Pohl sugeriu que Francesca se casasse com João, ela rejeitou a ideia, afirmando que ele era tanto estúpido quanto feio, enquanto João disse que já tinha uma esposa e filhos no Brasil. Apesar disso, eles foram inicialmente vistos como uma família pela maioria dos observadores.

Depois de transferir as 64 caixas para um barco fluvial, Pohl e os Botocudos subiram o rio Reno. Em uma parada em Koblenz, Maximilian veio de Neuwied, nas proximidades, para examinar a coleção e reconheceu os dois Botocudos como pessoas que ele havia conhecido em São Miguel cinco anos antes. O homem, Bruhudnuk, membro do grupo de Jeparack, tinha sido um dos participantes da famosa luta com bastões

---

<sup>28</sup> A Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode (17 de novembro de 1821: 1167–1168) sugeriu que a permissão para levar os Botocudos a Viena foi solicitada e obtida do imperador austríaco, e não do governo no Rio de Janeiro

<sup>29</sup> Outros relatos erroneamente indicam o local de nascimento do bebê como Colônia (Nederlandsche Staatscourant [Haia], 2 de outubro de 1821: 1; Le Courier de la Meuse [Liège], 30 de setembro de 1821: 2) ou Mainz (Wolf 1821: 133).

ilustrada em seu livro (Wied-Neuwied 1850: 86; Röder e Trimborn 1954: 73)<sup>30</sup>. Quäck não quis acompanhar o príncipe para ver seus compatriotas; segundo uma lembrança um tanto duvidosa da sobrinha de Maximilian, ele estava “com medo de ser comido” por eles (Willscheid 2002: 185). A caminho de Viena, os viajantes seguiram—parte por barco, parte por carruagem—subindo o rio Main, cruzando os planaltos centrais da Alemanha e descendo pelo Danúbio. Em Mainz—assim como provavelmente em outras paradas—espectadores lotaram o convés para ver os Botocudos e deram dinheiro a João, que usava um uniforme azul português (Bremer Zeitung, 2 de outubro de 1821: 2–3). Em Frankfurt, membros do senado municipal, diplomatas e médicos lideraram a invasão ao navio, e alguns brincalhões espalharam o rumor de que a polícia havia ordenado que todas as crianças fossem mantidas dentro de casa durante a estadia dos "canibais" (Zeitung für die elegante Welt [Berlim], 16 de outubro de 1821: 4; Allgemeine Zeitung [München], 26 de setembro de 1821: 1075). Em Würzburg, Nuremberg e Regensburg, naturalistas alemães visitaram as coleções de Pohl e ficaram particularmente impressionados com os Botocudos, cujas características e comportamentos foram extensivamente descritos em jornais e revistas científicas, além de serem representados em uma gravura colorida.

---

<sup>30</sup> Conforme Revista do Arquivo Público Mineiro 10 (1906): 517.



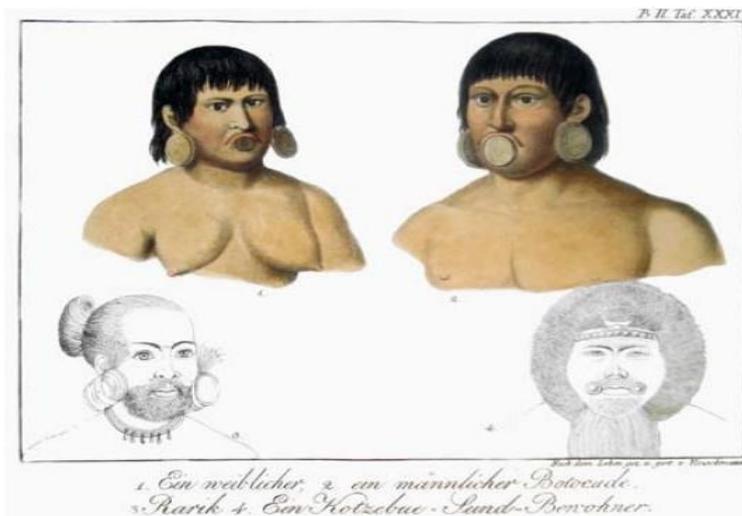
J. B. POHL.

**Figura 10** Johann Baptist Emanuel Pohl. Litografia de Adolf F. Kunike. Österreichische Nationalbibliothek, Viena, Bildarchiv.

Francesca inicialmente mostrou sinais de saudade de casa, mas acabou se interessando mais pelo novo ambiente do que João; ela batia palmas alegremente ao ouvir relógios de flauta e, diante de uma cópia da *Madonna della Sedia* de Rafael, exclamou: "Que mulher bonita!" João deu indícios de que "não lhe faltava razão" e foi autorizado a conduzir a carruagem, mas, fora isso, estava principalmente interessado no dinheiro que lhe davam (Münchner politische Zeitung, 2 de outubro de 1821: 1254; Flora [München], 12 de outubro de 1821: 661; Nederlandsche Staatscourant [Haia], 2 de outubro de 1821: 2; Wolf 1821; Flora oder Botanische Zeitung [Regensburg], 7 de novembro de 1823: 644).

Uma enorme multidão de vienenses curiosos já havia se reunido para a chegada do navio que trazia os "canibais", mas estes foram rapidamente levados de carruagem ao Palácio Imperial, recebendo um quarto no Jardim Imperial adjacente e sendo colocados sob a proteção do imperador Francisco I. Embora Leopoldina tenha alertado seu pai para não confiar nos Botocudos (Bojadesen 2006: 377), eles impressionaram a todos com "sua bondade e comportamento decente." Esperava-se que João cuidasse do jardim, mas ele logo se cansou e frequentemente fugia do trabalho, o mesmo acontecendo com os

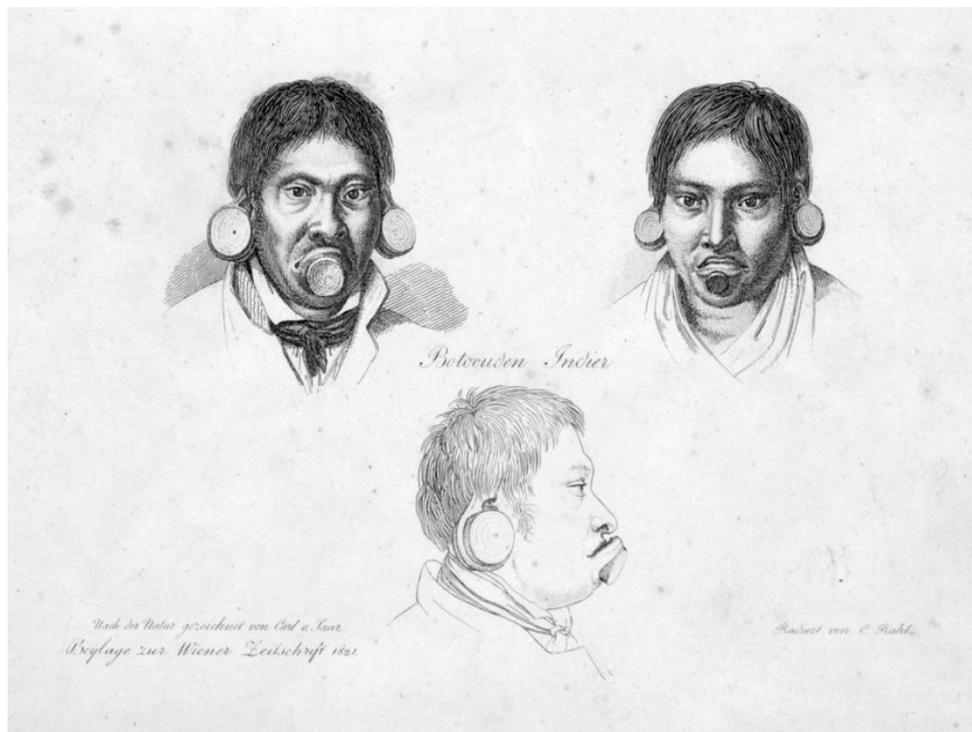
artesanatos femininos tradicionais austríacos ensinados a Francesca. Seu bebê morreu seis dias após sua chegada a Viena, tendo recebido o nome de Barbara no batismo (Schreibers 1820–1822, 2; apêndice 101; Fitzinger 1824: 41–42; Der Wanderer [Viena], 23 de outubro de 1821: 4; Wiener Zeitung, 23 de outubro de 1821: 975; Paulhart e Wacha 2012: 207).



**Figura 11.** Uma Botocuda, 2. um Botocudo. 3. Rarick. 4. Um habitante de Kotzebue Sound." Gravura colorida baseada em um desenho de Friedrich Fleischmann, 6 de outubro de 1821.

Muitos vienenses encontraram uma forma de entrar no quarto ocupado pelos presumidos "canibais" para observá-los, e João e Francesca frequentemente se escondiam atrás de um biombo que separava suas camas do espaço de convivência. No entanto, os visitantes vinham com boas intenções e traziam pequenos presentes, que João guardava em uma sacola mantida sob seu travesseiro e, mais tarde, em uma mala, embora preferisse receber moedas de prata (Fitzinger 1824: 41).

Em 4 de novembro, os Botocudos foram apresentados à sociedade vienense quando Pohl — com a permissão do imperador — os levou a um baile de máscaras, onde, para sua surpresa, encontraram um homem usando uma máscara de cera que retratava um Botocudo. Francesca se divertiu tanto que não queria sair após três horas, enquanto João encontrou um sofá onde podia dormir caso ficasse cansado (*Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode*, 10 de novembro de 1821: 1147). Posteriormente, organizadores de bailes e festas passaram a anunciar a presença dos Botocudos para atrair o público.



**Figura 12** "Botocuden-Indier" [Índios Botocudos] (João e Francesca). Gravura de Carl Heinrich Rahl baseada em um desenho de Carl von Saar. Suplemento da *Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode* 138 (17 de novembro de 1821). Weltmuseum Wien, Arquiv

O mesmo ocorreu com os donos de teatros, especialmente após os visitantes terem sido levados ao Court Theater em 26 de novembro, onde chamaram mais atenção do público do que os próprios atores. Sentada em um camarote no círculo principal, Francesca vestia um traje de lã merino vermelho (um presente da imperatriz), com um xale sobre o braço e um "tipo de chapéu de viagem." Ela recebeu sorvete e ponche e, "por meio da expressão natural de suas emoções, ofereceu aos observadores humanos

interessados em comparar as expressões faciais artísticas dos atores com as dos simples humanos em seu estado natural, um espetáculo cativante."

Em dezembro, as semelhanças de João e Francesca foram exibidas em um gabinete de figuras de cera; quando visitaram a exposição, ficaram menos impressionados com seus duplos de cera do que os outros visitantes com os originais (Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode, 1º de dezembro de 1821: 1215; Morgenblatt für gebildete Stände [Stuttgart], 28 de fevereiro de 1822: 96–97; Conversations-Blatt [Leipzig], 12 de janeiro de 1822: suplemento [3]).

Em janeiro de 1822, um periódico publicou uma peça de ficção de tom simplório, na qual uma jovem vienense se vestia como uma mulher Botocuda para conquistar o coração de um jovem, cuja experiência anterior de rejeição por mulheres o havia tornado misógino (Allgemeine Theaterzeitung und Unterhaltungsblatt [Wien], 29 de janeiro de 1822: 49–50; 31 de janeiro de 1822: 53–54). Já em 17 de novembro, um jornal vienense havia publicado uma gravura com os retratos deles, que até mesmo Maximilian em Neuwied, conhecido por ser crítico, considerou muito fiel à natureza (Fig. 12). A gravura acompanhava um longo relato sobre os Botocudos, parcialmente baseado no livro de Maximilian, mas, em sua maior parte, em relatos mais duvidosos. Eles eram descritos como pertencentes às nações mais selvagens do Brasil, sendo nus, sujos e preguiçosos. Contudo, a gravura mostrava os visitantes limpos e bem-vestidos, e, nessa época, já era de conhecimento geral que, em vez de carne humana, Francesca e João comiam carne e espinafre preparados na cozinha imperial e apreciavam um bom copo de cerveja. Não surpreende que as versões pintadas a mão da gravura pudessem ser encontradas em lojas por toda a cidade e fossem vendidas rapidamente (Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode, 17 de novembro de 1821: 1167–1168; Wied 1850: 86; Fisson du Montet 1904: 208; Fitzinger 1824: 42).

Eles aceitaram as roupas europeias, certamente como uma proteção contra o clima mais frio, mas recusaram firmemente abandonar seus botoques. Todos os esforços para introduzi-los às verdades da religião cristã foram recebidos com total desinteresse, e eles continuaram a rejeitar todas as propostas de casamento (Fitzinger 1824: 42).

Durante a temporada de bailes de 1822, os Botocudos foram levados a diversas danças. Enquanto João, ainda incapaz de falar muito alemão e, portanto, considerado

estúpido, observava de longe, Francesca dançava valsa com qualquer um que a convidasse. Ela gostava de conversar com os vienenses e adorava brincar com suas crianças (Fitzinger 1824: 42; Paulhart e Wacha 1962: 207).

**J**UST ARRIVED from the BRAZILS, in the Ship Hope, of Liverpool, Captain Stibs, on the 19th of July, 1821, and to be seen at No. 23, New Bond-street, a WILD INDIAN CHIEF, with his WIFE and CHILD, being the first of their tribe ever seen in Europe. This family is the head of a savage tribe, called Bonticundos, which inhabit the interior of South America: they wander in the forests, as Indians, feeding on the produce of the chase; their complexion is of the copper colour, their hair of a jet black, and straight and stiff, though in this respect they differ materially from others, having no hair except on the head; their heads are of a very peculiar form, and the tips of their ears rest on their shoulders; they have a circular piece of wood curiously attached to the lower lip, the chiefs having larger ones than the others: they are rather under the middle stature, about 30 years of age, and the child about three. Although belonging to a savage tribe they are perfectly harmless and inoffensive. The object of the persons who have sent them to Europe being to civilize them, in order to their returning to the tribe to which they belong, to prepare them to receive the Missionaries, who are at this time laudably engaged in the good work of Christianity. To forward this object they have been placed under the direction of Mons. Chabert, whose talents in instructing the dumb creation has been so deservedly patronised by the British metropolis, and who has undertaken the task without any recompense, relying on the liberality of the public. May be seen each day from 10 till 8 o'clock. Admittance 2s.

**Figura 13** Primeiro anúncio da chegada e exibição em Londres de "um chefe indígena selvagem, com sua esposa e filho." Times [Londres], 1º de agosto de 1821<sup>31</sup>

João começou a gastar seu dinheiro com bebidas alcoólicas e, em estado de embriaguez, brandia sua faca contra qualquer pessoa presente. Quando começou a abusar de Francesca, ele foi acomodado em um quarto separado, o que deu a ela a oportunidade de perseguir seus interesses amorosos. Em novembro, Francesca estava grávida de um soldado — alguns diziam que era de um criado — e ameaçou matar o bebê após o

<sup>31</sup> O texto original do jornal inglês traz o seguinte: “Acabaram de chegar do Brasil, no navio Hope de Liverpool, Captain Stibs, no dia 19 de julho de 1821, e podem ser vistos no N° 23, New Bond-street, um CHEFE INDÍGENA SELVAGEM, com sua ESPOSA e FILHO, sendo os primeiros de sua tribo já vistos na Europa. Esta família é a liderança de uma tribo selvagem chamada Botocudos, que habita o interior da América do Sul; eles vagam pelas florestas, como índios, alimentando-se dos produtos da caça; sua compleição é de cor acobreada, seus cabelos são de um preto azeviche, retos e rígidos, embora, nesse aspecto, eles diferem consideravelmente de outros, pois não têm cabelo em nenhuma parte do corpo, exceto na cabeça; suas cabeças têm uma forma muito peculiar, e as pontas de suas orelhas repousam sobre os ombros; eles possuem uma peça circular de madeira curiosamente presa ao lábio inferior, sendo que o chefe tem peças maiores do que os outros; são ligeiramente abaixo da estatura média, com cerca de 30 anos de idade, e a criança cerca de três anos. Embora pertençam a uma tribo selvagem, são perfeitamente inofensivos e pacíficos. O objetivo das pessoas que os enviaram para a Europa é civilizá-los, para que retornem à tribo à qual pertencem, preparados para receber os missionários, que estão neste momento louavelmente engajados na boa obra do Cristianismo. Para promover esse objetivo, eles foram colocados sob a direção do Sr. Chabert, cujos talentos em instruir a criação estúpida têm sido merecidamente patrocinados pela metrópole britânica, e que assumiu a tarefa sem qualquer recompensa, confiando na generosidade do público. Podem ser vistos todos os dias, das 10h às 20h. Entrada: 2 xelins.”

nascimento, mas foi severamente advertida sobre as consequências de tal ato. Finalmente, deu à luz um menino que morreu pouco tempo depois de causas naturais (Fitzinger 1824: 42; Abend-Zeitung [Dresden], 5 de fevereiro de 1823: 42).

No verão de 1823, após a morte de seu filho, quando a "Botocudo mania" dos vienenses havia diminuído e eles enfrentavam um futuro incerto em terras estrangeiras, Francesca abordou o imperador (ou "grande Capitão", como o chamavam) enquanto ele passeava no Jardim Imperial e solicitou ser enviada de volta para casa. Franz, que, segundo rumores, "não tinha muito prazer" em hospedar seus visitantes brasileiros, pode ter ficado aliviado e concedeu o pedido. Organizar a viagem levou algum tempo e, nesse meio-tempo, Francesca, "devido à sua própria imprudência" — em setembro, ela pulou em uma piscina para se refrescar — adoeceu e foi internada no Hospital Santa Elisabeth, onde morreu em 10 de outubro de uma doença pulmonar.

No leito de morte, João demonstrou pouca compaixão, mas prometeu transmitir as saudações de Francesca a seu pai (Fitzinger 1824: 42; Morgenblatt für gebildete Stände [Stuttgart], 26 de janeiro de 1824, p. 88; Natterer 1822). O anúncio de sua morte em um jornal vienense finalmente revelou seu nome completo: "Francisca Kruk, solteira, nascida no Brasil, 23 anos de idade" (Wiener Zeitung, 21 de outubro: 984).

Em 16 de novembro, João partiu de Viena acompanhado por um mensageiro da corte. Quando chegaram a Frankfurt em 29 de novembro, jornais de toda a Europa (exceto na Áustria) relataram que "ele manifesta total repugnância pelas roupas, prazeres e costumes da Europa civilizada e não tem outro desejo senão retornar às suas florestas nativas. Sua esposa e filho já morreram de desgosto, e ele rapidamente os teria seguido, não fosse pela medida de enviá-lo de volta. — Ele está calado e parece dominado pela melancolia" (Gagliani's Messenger [Paris], 8 de dezembro de 1823: 3–4; Le Constitutionnel [Paris], 9 de dezembro de 1823, p. 3; Neueste Weltbegebenheiten [Kempten], 8 de dezembro de 1823, p. 1; Public Ledger and Daily Advertiser [Londres], 13 de dezembro de 1823: 2).

“Esse homem selvagem”, escreveu um correspondente holandês em 5 de dezembro, quando João chegou a Dover, “tem a forma e os músculos de um antigo atleta ou boxeador”, mas, devido aos seus botoques labiais e auriculares, “sua aparência era realmente peculiar” (Leeuwarder Courant [Leuven], 23 de dezembro de 1823: 3). Depois

de cruzar com sucesso o Atlântico, João foi visto em 20 de abril de 1824 como hóspede do cônsul britânico na Bahia, aguardando ansiosamente seu retorno ao Rio Jequitinhonha (Field 1824: 353). Apenas um ano depois, no entanto, Guido Tomás Marlière, o renomado Diretor dos Índios, encontrou razões suficientes para reclamar da má influência de Bruhudnuck entre os indígenas de São Miguel e concluiu que “os selvagens não deveriam ser enviados ao exterior” (Riedl 1996: 123n21).

De acordo com a lei austríaca na época de inspiração iluminista, toda pessoa que morresse em um hospital deveria ser submetida a um exame post-mortem (Winter et al. 2013). Assim, o corpo de Francesca Kruk foi transferido para o Hospital Geral associado à Universidade de Viena, onde a autópsia foi realizada pelo anatomista Lorenz Biermayer e, posteriormente, depositado no Museu Anatômico da universidade (Hyrtl 1869: 79 e n1)<sup>32</sup>. Em 1825, o crânio de Francesca Kruk já fazia parte da lotada exibição do museu, sendo apontado como de interesse particular para os visitantes (Anônimo 1827: 19–20), menos pela fama local de Francesca — seu nome nem sequer foi registrado no inventário do museu — e mais por ser o único crânio não europeu da coleção. Em 2012, o Museu Patológico-Anatômico, incluindo o crânio de Francesca, tornou-se parte do Museu de História Natural de Viena<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> As datas incorretas fornecidas por Hyrtel (1820, para a chegada de Francesca, 1826, para sua morte e a autópsia do Dr. Biermayer, e 1834, para sua transferência para o Museu Anatômico) foram posteriormente copiadas para os registros do museu. O relatório de autópsia de Biermayer não foi localizado (Sabine Eggers, Naturhistorisches Museum Wien, comunicação pessoal, 2019).

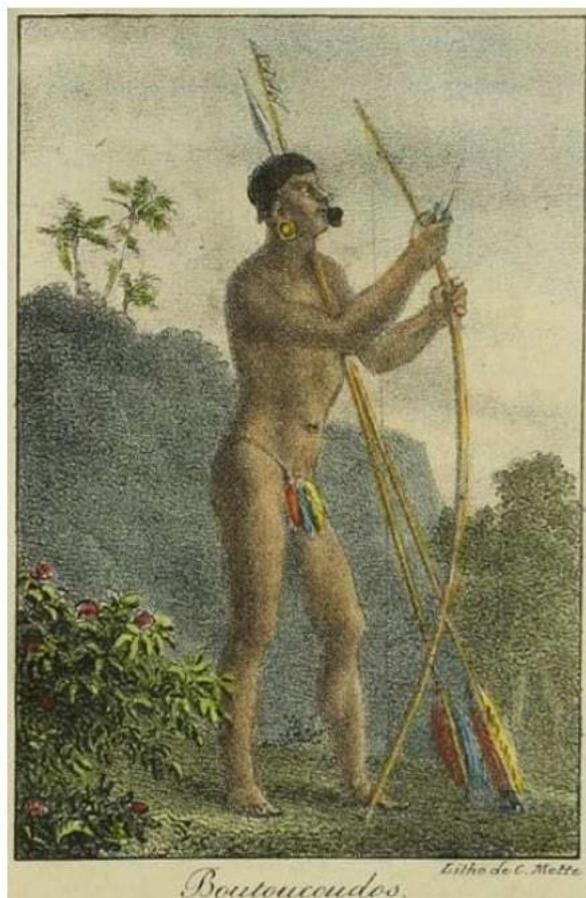
<sup>33</sup> A chegada dos Botocudos a Londres também foi relatada em um jornal austríaco, com rumores adicionais sobre as circunstâncias de sua captura e transporte para a Inglaterra (Österreichischer Beobachter [Viena], 24 de agosto de 1821: 1055–1056).



**Figura 14** "Xavier Chabert. O Rei do Fogo." Gravura em pontilhado por W. Holl baseada em um desenho de A. Wivell, Londres, 1829. Extraído de The Imperial Magazine [Londres], fevereiro de 1830.

### **Tono Maria, Jochina, dois franceses e Julien Xavier Chabert**

Em 1º de agosto de 1821, enquanto João Bruhudnuk e Francesca Kruk viajavam de Plymouth para Amsterdã, o Morning Chronicle de Londres e outros jornais publicaram uma nota anunciando a exibição de um “Chefe Indígena Selvagem” dos “Bonticondos [Bouticoudos]”, de cerca de 30 anos, sua esposa e uma criança de três anos, destacando a peculiaridade de seus ornamentos de madeira nos lábios e orelhas. O propósito declarado “das pessoas que os enviaram à Europa [era] civilizá-los, a fim de retornarem à tribo à qual pertencem, para prepará-los a receber os missionários que estão atualmente engajados na nobre obra do cristianismo.” Esse objetivo coincidiu com a política brasileira fracassada de assimilar os Botocudos e foi bem recebido pelos sentimentos cristãos do público britânico. “Para promover este objetivo”, a nota continuava, “eles foram colocados sob a direção do Sr. Chabert, ... que assumiu a tarefa sem qualquer recompensa, confiando na generosidade do público” (Morning Chronicle [Londres], 31 de julho de 1821: 1; Morning Post [Londres], 31 de julho de 1821: 1; Times [Londres], 1º de agosto de 1821: 1).



**Figura 15** "Boutoucoudos." Litografia colorida de C. Motte baseada em um desenho de Hippolyte Taunay, 1819. Extraído de *Le Brésil* (1822), de Taunay e Denis, prancha em frente à p. 219.

Entra em cena Julien Xavier Chabert (Figura 14), mais conhecido no mundo do entretenimento como o “Rei do Fogo”, um homem considerado por seu famoso colega Harry Houdini como “provavelmente o personagem mais notável e, certamente, o mais interessante, da história de comer fogo, resistência ao fogo e comer veneno” (Houdini 1920: 54; veja também Swiderski 2010: 135–169).

Embora a literatura substancial sobre o "Rei do Fogo" não mencione seu papel como condutor dos Botocudos na Europa, antropólogos e historiadores que o encontraram nesse contexto falharam em identificá-lo como o notório artista de espetáculos.

De acordo, em grande parte, com suas próprias e às vezes conflitantes declarações, Chabert nasceu em 1792, em Avignon, onde, durante a Revolução Francesa, sua família ajudou a proteger alguns padres católicos, ex-juizes do Tribunal da Inquisição, que lhe ensinaram os segredos de comer fogo, utilizados para demonstrar a inocência de réus em julgamentos por ordálio. Ainda jovem, Chabert participou como tenente do exército de

Napoleão na invasão da Rússia, onde foi capturado e enviado à Sibéria ou salvo desse destino pelo czar Alexandre. Pouco antes de sua morte em 1859, foi agraciado com a medalha de Santa Helena por seus serviços<sup>34</sup>. Ele alegava ter ido ao Brasil explorar depósitos minerais em nome de várias empresas e servido sob o comando do Capitão Julião Fernandes Leão na guerra contra os Botocudos (Chabert 1822a: 13–14, 18–19; 1822b: 7–11; n.d.: 5–9; Taberger 1830: 335–337; Anonymous 1830: 113–114; Houdini 1920: 58, Dix 1898: 118)<sup>35</sup>.

**Figura 16** "O Chefe Indígena Selvagem, Esposa e Filho, como exibido no N° 23 da New Bond Street. Os Índios Selvagens como em seu País Natal." Desenho e gravura de I. W. Gear, Londres, 7 de junho de 1822.



<sup>34</sup> A Medalha de Santa Helena foi instituída em 1857 por Napoleão III e concedida a soldados que serviram à França entre 1792 e 1815.

<sup>35</sup> Chabert (1822b: 7; 1825: 6) afirma que se juntou à força de combate aos indígenas de Leão cerca de dez anos antes, ou seja, em 1812. Isso é improvável, considerando sua outra alegação de que esteve com Napoleão na Rússia em 1812 e foi preso lá por um período de tempo não especificado. Uma data mais plausível seria 1813/4, antes da prisão de Leão em Vila Rica, em vez de 1817/8, após sua libertação, já que Chabert certamente estava na Inglaterra em 1818. Há várias indicações de que Chabert pode ter ido diretamente da Rússia para o Brasil, e 1813 foi o ano em que Langsdorff se mudou de São Petersburgo para o Rio de Janeiro como cônsul-geral da Rússia.

Do Brasil, Chabert foi para a Inglaterra, onde começou suas apresentações como comedor de fogo não mais tarde que fevereiro de 1818 (Times [Londres], 27 de fevereiro de 1818: 3, que o chamou de "um nativo da Rússia") e se casou com uma inglesa de Bristol em 1820. Após o casamento, voltou-se para empreendimentos menos perigosos, como a exibição de um "Cão Siberiano", a invenção de coisas úteis, incluindo um pavio de vela perpétuo e sem fumaça (Times [Londres], 11 de fevereiro de 1821: 1; Morning Chronicle [Londres], 12 de fevereiro de 1821: 1).



**Figura 17** "Chefe Botocudo, Esposa e Filho. Em exibição no N° 23 da New Bond Street." Gravura colorida baseada em R. Banks, Londres, 1822.

É fácil entender por que Chabert, com seu histórico brasileiro e agora envolvido no ramo de exposições, teria se interessado em participar da exibição dos Botocudos. Sua posterior alegação de que havia recebido permissão pessoal de Dom Pedro para levá-los à Europa (Chabert 1822b: 17, n.d.: 15; Taberger 1830: 337) não apenas é inconsistente com sua biografia, mas também contradiz sua declaração anterior de que os Botocudos foram obtidos no Brasil por dois aventureiros franceses, seja por suborno de um dos criados de Leão, que fora padrinho do casal (Chabert 1822a: 16), ou pela permissão do rei de Portugal. O casal teria chegado a Dover no navio Hope (ou Horn) de Liverpool, sob o comando do capitão Stibs (ou Stephens), em 17 de julho de 1821 (Morning Chronicle [Londres], 31 de julho de 1821: 1, Chabert 1822b: 16; n.d.: 15), mas nenhum

navio ou capitão proveniente do Brasil para a Inglaterra nessa época pôde ser identificado. Contudo, é possível que os Botocudos tenham chegado ao porto de Deal, ao norte de Dover, em 20 de julho, a bordo do Providence, comandado pelo Capitão Rogers, vindo da Bahia, ou do Ranger, sob o Capitão Thorn, vindo do Rio de Janeiro (Globe [Londres], 21 de julho de 1821: 2). Chabert também poderia tê-los encontrado em Dover durante a passagem para a França; seja como for, ele conseguiu convencer os aventureiros franceses a permitir que os Botocudos fossem exibidos em Londres sob sua gestão.

Em 12 de outubro, os dois franceses compareceram ao Tribunal Magistrados na Marlborough Street para tentar recuperar a posse do "Homem Selvagem e sua família" e foram aconselhados a buscar um Habeas Corpus caso se sentissem prejudicados (Morning Post [Londres], 13 de outubro de 1821: 3). Como aparentemente não conseguiram comprovar sua reivindicação, Chabert manteve o controle sobre eles. Um anúncio no Times (18 de outubro de 1822: 1) proclamava orgulhosamente que “a Família Indígena dos Bouticoudos ... libertou-se das pessoas que os atraíram para este país ... tendo obtido a liberdade que, conforme as leis da Grã-Bretanha, é garantida a todos os indivíduos”. Os Bouticoudos consideraram oportuno exibir-se “agora por conta própria e para seu próprio lucro” (Chabert 1822a: 20, 1822b: 17). O anúncio também afirmava que o intérprete [Chabert] havia “percorrido todo o interior da América do Sul com eles”. A identidade dos dois franceses permanece desconhecida. É possível que eles estivessem associados à tentativa do ex-cônsul francês na Bahia, Henri Plasson, de estabelecer uma colônia nas terras Botocudo no Rio Jequitinhonha, entre 1818 e 1820. Esse esforço também incluía originalmente o secretário de Plasson, Ferdinand Denis, historiador francês do Brasil, e seu amigo, o pintor Hippolyte Taunay. Ao aprenderem a língua e observarem os costumes locais, os colonos aparentemente conquistaram a confiança de seus vizinhos indígenas (Corbière 1823: 3–4; Lustosa 2018). Tanto Denis quanto Taunay retornaram à França já em 1819 e posteriormente publicaram em conjunto uma obra de seis volumes sobre o Brasil, que incluía o desenho original de Taunay de um homem Botocudo (Figura 15; Taunay e Denis 1822: pl. frente a 218), mas não há indícios de que fossem “coletores” de Botocudos<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Este é o único desenho etnográfico no livro que não foi copiado ou derivado do livro de Maximilian.



**Figura 18** A turnê de Tono Maria pela Grã-Bretanha (Irlanda, Escócia e Inglaterra), 1821–1824, na companhia de vários homens e crianças.

Uma das primeiras ações de Chabert foi alterar a grafia francesa “Bouticoudos” para “Botocudos”, como popularizado na Inglaterra pela tradução do relato de viagem de Maximilian. No início de 1822, ele também publicou “*A Brief Historical Account of the Life and Adventures of the Botocudo Chieftain and Family*” (*Uma Breve Descrição Histórica da Vida e Aventuras do Chefe Botocudo e sua Família*), seguido de uma versão ligeiramente ampliada intitulada “*Historical Account of the Manners and Customs of the Savage Inhabitants of Brazil: together with a sketch of the life of the Botocudo Chieftain and family*” (*Relato Histórico dos Costumes e Hábitos dos Habitantes Selvagens do Brasil: junto com um esboço da vida do Chefe Botocudo e sua família*) (Chabert 1822a, b). Este panfleto, cujas informações etnográficas foram amplamente retiradas do livro de Wied—mas misturadas a adições parcialmente imaginativas—foi criticado por Alfred Métraux (1929: 125, “sem dúvida, um plágio e o trabalho de um impostor”) e Jonathan King (1987: 245, “relato improvável”) como sendo de valor duvidoso.

Mais recentemente, foi citado por Hal Langfur (2006: 284, 367; 2009: 39), que identifica Chabert como um inglês, e Judy Bieber (2014: nota 119), que o considera uma fonte primária confiável. Ambas as avaliações são discutíveis, mas a separação entre fato e ficção e entre plágio e dados independentes representa um grande desafio<sup>37</sup>.



**Figura 19** Ilustrações usadas em anúncios do "Chefe Indígena Selvagem" e da "Vênus Indígena Selvagem", baseadas na gravura de I. W. Gear (Figura 17): Saunders's News-Letter [Dublin], 11 de outubro de 1822; Bristol Mercury, 11 de agosto de 1823; jornal não identificado de Plymouth; Trewman's Exeter Flying Post, 10 de outubro de 1823.

O panfleto apresenta os protagonistas, Tono Maria, com cerca de 40 anos, e seu terceiro marido, o chefe Botocudo Jochina, de 30 anos, destacando sua coragem e o charme dela, que—apesar das deformações causadas por seus botoques—fez dela "a Vênus de seu país" e explicou as quase cem cicatrizes em seu corpo (mal visíveis para os espectadores), resultantes das punições por tantas transgressões de fidelidade conjugal<sup>38</sup>. É tentador identificar Jochina com o chefe Joahima de São Miguel, que havia se recusado a fornecer um menino Botocudo a Saint-Hilaire quatro anos antes, o que se alinharia ao fato de João Bruhudnuk e Francesca Kruk serem também de São Miguel.

Anúncios em jornais britânicos permitem ao menos uma reconstrução parcial do itinerário da trupe, mas há pouquíssimos relatos independentes sobre o espetáculo. Muitas das histórias publicadas foram criadas por Chabert para atrair a atenção do público. Em

<sup>37</sup> Baldus (1968: 199–200) lista-o em sua, de outra forma, crítica bibliografia apenas com base nas informações contidas no catálogo de um livreiro antiquário.

<sup>38</sup> Maximilian (Wied-Neuwied 1819–1821, 2: 38–39) descreve essa prática como sendo infligida por homens às mulheres, enquanto Saint-Hilaire (1830, 2: 203) a descreve como sendo infligida por mulheres aos homens. A afirmação de Chabert (1822a: 6) de que uma mulher era permitida apenas 104 violações de fidelidade é improvável, simplesmente porque os numerais Botocudos se estendem apenas até dois, com números até dez indicados pelos dedos (Ehrenreich 1887: 45–46).

janeiro de 1822, por exemplo, foi escrito que Chabert havia acidentalmente arranhado o queixo com uma flecha envenenada e só foi salvo da morte certa pela aplicação de uma raiz pelo chefe Botocudo (Morning Post [Londres], 11 de janeiro de 1822: 3). Que isso era uma notícia falsa é indicado pela ausência de venenos de flecha entre os Botocudos e pela improbabilidade de Jochina ter trazido a raiz com ele do Brasil.

A única crítica extensa do show, publicada na *Literary Gazette* (23 de fevereiro de 1822: 123– 124), apesar de amplamente baseada no panfleto de Chabert, acrescenta o detalhe interessante de que eles eram "cuidados com as receitas da exibição" e que o homem era "competente para ir ao mercado e comprar os alimentos e o que deseja para sua cozinha." Inicialmente, não foram oferecidas performances especiais. Os visitantes podiam simplesmente observar os Botocudos sentados em poltronas (King 1987: 248, fig. 5) e acompanhar o cotidiano da família, incluindo "jantar com coelhos ensopados em gordura." Após o jantar, Jochina "carregava a criança, ria, olhava seu dinheiro e cantava," enquanto Tono Maria "se recostava em uma pose elegante, estendia os pés, fixava os olhos preguiçosamente em quem quer que estivesse lá e parecia desfrutar de um luxo filosófico."

Uma gravura, publicada em junho de 1822 após o encerramento da exibição em Londres e posteriormente vendida na exposição (Saunders's News-Letter [Dublin], 19 de outubro de 1822: 3), oferece uma impressão da aparência pública da família na 23, New Bond Street, onde estavam em exibição das 10h às 18h (Figura 16; cp. Figura 17)<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> De acordo com Jerrold (1894: 355), outra gravura que representa os Botocudos em Londres teria sido feita por Georg Cruikshank para o *Table-Book* de William Hone (1827–1828), mas não aparece neste ou em qualquer outro dos livros de Hone, que apresentam muitas imagens de feiras e exposições.



**Figura 20** A turnê de Tono Maria pela Alemanha, Bélgica e Países Baixos, 1824– 1826.

A quase total ausência de vestimentas, característica da forma tradicional de vida dos Botocudos, dificilmente seria aceita na Europa. Em anúncios de locais subsequentes, destacava-se especificamente que a mulher estava "devidamente vestida" (e.g., Trewman's Exeter Flying Post, 23 de outubro de 1823: 1). Além disso, era necessário protegê-los contra o rigor do clima londrino. Em vez de apenas vesti-los com roupas comuns britânicas, Chabert "aperfeiçoou" o apelo exótico, trajando-os com roupas indígenas das planícies norteamericanas e mantos de penas havaianas "recentemente recebidos... da América; o manto da mulher era muito custoso e elegante, correspondendo ao que está agora no Museu Britânico" (Morning Chronicle [Londres], 18 de março de 1822: 1), como Chabert mais tarde admitiria, "de uma tribo de índios habitantes das Ilhas do Mar do Sul" (Liverpool Mercury, 27 de junho de 1823: 409). Um panorama pintado, "no qual se exibia a paisagem nativa, casas, modos de vida e preparação de alimentos" (Dublin Evening Post, 28 de setembro de 1822: 2), servia de cenário e apresentava a imagem de um acampamento Puri ilustrado no livro de Maximilian (King 1987: 245, fig. 2, e desenho relacionado, 244, fig. 1)<sup>40</sup>.

<sup>40</sup> Maximilian teve conhecimento da exposição de Chabert por meio da versão alemã abreviada do relato publicado na *Literary Gazette*, na *Abend-Zeitung* [Dresden] (16 de março de 1822: 289–290), cujo recorte foi encontrado entre seus papéis (Willscheid 2002: 192n29; 2017: 105n35).

A exibição em Londres durou dez meses<sup>41</sup> e supostamente “atraiu a admiração da Família Real e de mais de 50.000 pessoas”—o que, se verdadeiro, resultaria em rendimentos de cerca de £2.000 (Saunders’s News-Letter [Dublin], 9 de outubro de 1822: 3). A essa altura, o empresário talvez estivesse cansado de exibir os Botocudos e anunciou a venda de “todas as Antiguidades,” que havia acrescentado ao espetáculo, “com o pequeno cavalo árabe, pássaros científicos [ou seja, pardais-de-java treinados para fazer truques com cartas] e um dispositivo mecânico de artilharia, que se carrega e dispara sozinho 30 vezes em seis minutos [outra de suas invenções].— O Proprietário está se retirando dos negócios, e tudo será vendido muito barato” (Morning Chronicle [Londres], 9 de maio de 1822: 1). Como não houve compradores, Chabert embarcou em uma turnê de dois anos pelas Ilhas Britânicas (Figuras 18, 19). Quando chegou a Cheltenham (provavelmente via Oxford) em julho, a criança Botocudo aparentemente havia morrido e, milagrosamente, foi substituída por um suposto “selvagem de 22 anos da tribo chamada Puris,” que “conseguia conversar um pouco em três línguas diferentes” (King 1987: 250, fig. 7; Koppel 2006: 125). Em Birmingham, uma versão ampliada do panfleto foi impressa e vendida junto com “diversas roupas, instrumentos de guerra e outras curiosidades usadas pelos selvagens sul-americanos” (Birmingham Chronicle, 1 de agosto de 1822: 2)<sup>42</sup>

Uma nova atração foi acrescentada em Dublin, onde, todos os dias às 14h e às 18h, Jochina, “à maneira do célebre William Tell,” colocava um xelim na cabeça de uma figura e o acertava “com sua flecha com a maior precisão.” Também havia agora uma rede, que não fazia parte do repertório material tradicional dos Botocudos (Dublin Evening Post, 28 de setembro de 1822: 2).

A jovem Puri desapareceu dos anúncios em outubro de 1823. Ao mesmo tempo, Chabert começou a invocar a autoridade de Maximilian sobre o tema dos Botocudos

---

<sup>41</sup> Não doze, como afirmado no folheto de Cheltenham (King 1987: 250; Koppel 2006: 125).

<sup>42</sup> Chabert não era nem colecionador, nem comerciante profissional de artefatos etnográficos. A venda de artefatos aparece pela primeira vez no folheto de Cheltenham e foi resultado das compras de Chabert em Londres, projetadas para dar um pouco de cor à apresentação dos Botocudos, cuja própria cultura material era limitada e que provavelmente haviam sido levados para a Inglaterra com pouco a mostrar, exceto seus botoques labiais e auriculares.

(Saunders's NewsLetter [Dublin], 9 de outubro de 1822: 3), prática que continuou até o final do espetáculo<sup>43</sup>. Essa demonstração de autoridade pode ter sido necessária devido a “Relatos Falsos e Alarmantes ... de que o Chefe Botocudo e sua esposa são Esquimós” (Dublin Weekly Register, 26 de outubro de 1822: 3). Perto do final da exibição em Dublin, os Botocudos foram reduzidos a apenas uma atração secundária ao lado dos “pardais-de-java científicos” e do dispositivo de artilharia de disparo rápido (Saunders's News-Letter [Dublin], 16 de novembro de 1822: 2), enquanto uma grande coleção de material etnográfico das Américas e do Pacífico foi colocada em leilão (Dublin Weekly Register, 26 de novembro de 1822: 3).



**Figura 21** Tono Maria. Pintura em óleo sobre tela de C. Holland, fevereiro de 1825. Coleção etnográfica/Ethnologische Sammlung, Georg-August- Universität Göttingen.

---

<sup>43</sup> Apenas o primeiro volume do livro de Wied foi publicado em tradução para o inglês; Chabert, portanto, perdeu o extenso relato de Maximilian sobre a etnografia dos Botocudos no segundo volume. Não há evidências de que Chabert tenha lido a tradução francesa, e todas as suas citações literais do livro são da edição em inglês.

Quando a exposição chegou a Edimburgo<sup>44</sup> em março de 1823, Jochina já não fazia parte do programa. Chabert mais tarde afirmou que o homem havia sido deixado para trás, doente, na Inglaterra (Taberger 1830: 337), mas é mais provável que ele tenha morrido entre dezembro de 1822 e março de 1823, a caminho ou já em Edimburgo. O foco do espetáculo passou então para a “célebre Vênus Brasileira” que, segundo Chabert, tinha sido “persuadida com grande dificuldade a deixar seus refúgios nativos para visitar o ambiente mais refinado da civilização. Desejando ardentemente sua liberdade original, ela ainda anseia por seus territórios selvagens nativos, para os quais retornará em poucos meses” (Caledonian Mercury [Edimburgo], 29 de março de 1823: 3). De Edimburgo, Chabert e a “Vênus Indígena” seguiram para Liverpool (Liverpool Mercury, 6 de junho de 1823: 1)<sup>45</sup>.



**Figura 22** "Curiosidades e Monstruosidades de 1822", mostrando Tono Maria e Jochina na companhia dos Sami e londrinos elegantemente vestidos. Gravura colorida de Charles Williams, fevereiro de 1822.

<sup>44</sup> Houve uma terceira impressão do panfleto de Chabert (1823a) em Edimburgo.

<sup>45</sup> A exposição pode ter passado por Glasgow no caminho entre Edimburgo e Liverpool. Em 1829, Chabert descreveu-se como um [ex-] "residente de Dublin, Edimburgo, Glasgow, Liverpool e Londres" (Times [Londres], 23 de abril de 1829: 3).

Em Liverpool, Chabert manifestou novamente sua intenção de vender toda a sua exibição, com exceção da Vênus Brasileira, ou formar uma parceria para continuar o espetáculo, “já que o atual proprietário está prestes a partir para o Brasil”, talvez com o intuito de retornar Tono Maria ao seu lar (Gore’s Liverpool General Advertiser, 19 de junho de 1823: 3). Como nem a venda nem a parceria se concretizaram, não havia recursos para a viagem ao Brasil, e o show continuou no sudoeste da Inglaterra. Quando foi inaugurado em Bristol, em agosto de 1823, um novo homem apareceu ao lado da “Vênus Selvagem”—uma “Chefe Indígena, pertencente a uma tribo selvagem, chamada Puris”; Chabert também passou a oferecer aos visitantes uma palestra sobre frenologia “baseada no sistema dos Doutores Gall e Spurzheim”, sendo pelo menos possível que seus dois exemplares vivos servissem como modelos para explicar a relação entre a formação do crânio e o caráter (Bristol Mercury, 11 de agosto de 1823: 2).

Quando o espetáculo chegou a Bath (Bath Chronicle and Weekly Gazette, 18 de setembro de 1823: 3), o chefe Puri que acompanhava a “Vênus Selvagem Indiana” foi descrito como sendo supostamente um espanhol. Relatou-se que ele foi dispensado após a Feira de Bristol, com apenas cinco shillings no bolso, levando a uma solicitação ao cônsul espanhol para que providenciasse seu retorno ao país. Um correspondente observou que o “engenhoso Exibidor” havia conseguido, sem sequer cruzar o Atlântico, garantir outro “Guerreiro Botocudo” para satisfazer o insaciável apetite de John Bull por maravilhas (Bristol Mirror, 6 de outubro de 1823: 4). De fato, um novo chefe Puri fazia parte da exibição quando ela foi aberta em Exeter no final daquele mês (Trewman’s Exeter Flying Post, 23 de outubro de 1823: 1). Esse evento coincidiu com o lançamento da quarta edição do panfleto de Chabert, provavelmente atualizado para refletir as mudanças no elenco.

A exibição agora incluía outra invenção de Chabert: uma “Carroça curiosa, movida sem a assistência de cavalos”. Prometendo viagens mais rápidas do que as realizadas pelo correio, este veículo de três rodas, construído por Mr. Rogers, um fabricante de carroças de Plymouth, realizou com sucesso sua viagem inaugural de Plymouth a Tavistock em dezembro (Times [Londres], 29 de novembro de 1823: 3; Morning Post [Londres], 23 de dezembro de 1823: 3). Pouco depois, circularam rumores de que Chabert havia vendido a exibição, incluindo a Vênus Indiana e outras curiosidades,

a um cavalheiro de Plymouth, alegando ter se aposentado com uma fortuna superior a £25.000 (Hampshire Advertiser, 29 de dezembro de 1823: 4). No entanto, a realidade era uma parceria com John Grylls, um professor de Devonport, para gerir a exibição— embora Grylls não tivesse os recursos financeiros para realizar uma compra tão extravagante (Aris's Birmingham Gazette, 17 de maio de 1824: 4; Law Advertiser, 2[1824]: 156). Apesar disso, Chabert conseguiu adquirir uma casa na St. James's Street, em Londres<sup>46</sup> (Taberger 1830: 337)<sup>47</sup>.



**Figura 23** Cartaz anunciando a exibição do gabinete de obras de arte dos irmãos Ingermann junto com o "notável selvagem vivo", Tübingen, agosto de 1823.

<sup>46</sup> O cartaz da figura 23 acima revela o dia a dia de uma prática colonialista que ainda pode ser vista em muitos eventos na Europa atual. Descrição: O cartaz anuncia uma exposição organizada pelos irmãos Ingermann, apresentando o seu "Gabinete de Obras de Arte" (Kabinet von Kunstwerken), que inclui uma variedade de objetos, como figuras físicas, mecânicas e musicais. A exposição é dividida em seções que mostram curiosidades raras, artefatos artísticos e itens anatômicos. Destaca-se, de forma proeminente, a exibição do "selvagem vivo e notável" (der lebendige, merkwürdige Wilde), identificado como pertencente ao povo Botocudo, do Brasil. O indivíduo é descrito como um exemplo raro e extraordinário de sua tribo, trazido para a Europa para exibição pública. O texto menciona suas origens, sua presença no gabinete e a oportunidade para os visitantes observarem este "indivíduo notável". O cartaz também detalha: a. Descrições das exhibições: Divididas em categorias, como itens artísticos, objetos naturais e dispositivos mecânicos. B. História do "selvagem": Fornecendo informações sobre sua jornada e as circunstâncias de sua aparição na Europa. C. Preços de entrada: Informando o custo da entrada para adultos e tarifas reduzidas para crianças. D. O objetivo do evento é tanto educacional quanto de entretenimento, apelando à curiosidade sobre arte, tecnologia e exotismo durante o início do século XIX.

<sup>47</sup> O estilo de vida de Chabert pode ter excedido seus meios. Em 1829, três anos após sua entrevista com Taberger, ele declarou no Tribunal de Devedores Insolventes que possuía "um escritório comercial em Dunster-hill, mas não tinha bens, exceto uma esposa e um filho" (Times [Londres], 23 de abril de 1829: 3).

O recém-introduzido chefe Puri teve uma passagem breve e desapareceu da exibição no início de 1824. Durante esse período, Chabert apresentou Tono Maria, os pássaros científicos e a carroça em Plymouth e, mais tarde, em seus salões de exibição na St. James's Street, em Londres. Os materiais publicitários agora atribuíam ao Príncipe Maximilian a descoberta de Tono Maria no Brasil (Morning Chronicle [Londres], 10 de fevereiro de 1824). Após a dissolução da parceria de Chabert com Grylls em 8 de maio, os anúncios declararam “POSITIVO: a ÚLTIMA SEMANA DE EXIBIÇÃO DA VÊNUS SELVAGEM INDIANA” em junho, com planos de alugar os salões de exibição e vender a carroça (Morning Chronicle [Londres], 7 de junho de 1824). O próximo passo de Chabert foi levar o espetáculo ao continente europeu.



**Figuras 24 e 25** À esquerda, "Jacqui." Desenho de A. M., Göttingen, 18 de julho de 1822. Ethnologische Sammlung, Georg-August- Universität Göttingen. À direita, "Jacqui". Desenho de Carl Anton Graf von Reisach, Göttingen, 1822. Ethnologische Sammlung, Georg-August-Universität Göttingen.

Por alguma razão, a França foi excluída do itinerário, e Chabert seguiu para a Alemanha, provavelmente começando por Hamburgo antes de ir para Berlim (Taberger 1830: 315). Em fevereiro de 1825, ele chegou a Göttingen, onde o renomado antropólogo Professor Johann Friedrich Blumenbach encomendou ao artista C. Holland um retrato de Tono Maria. A pintura a retratava com um vestido rosa adornado com trabalhos em penas sul-americanas, destacando seu apelo exótico (Blumenbach n.d. b: 20; Urban 1987: 169).

A próxima parada documentada foi Bruxelas, onde, em junho de 1825, a chegada de uma “família real do Brasil” foi recebida com grande publicidade: Adola, rei dos Puris,

sua esposa Botocudo e seu príncipe de dois meses foram exibidos em frente ao panorama usado desde 1822, acompanhados pelos pardais javaneses e uma cabeça Maori tatuada, que Chabert já havia colocado à venda em Liverpool. O Rei<sup>48</sup>, que falava inglês muito bem, cantava “com uma voz doce uma canção brasileira de melodia agradável”—muito mais ao gosto do público do que a performance de Jochina em Londres, descrita como “dissonante, alta e totalmente oposta ao musical, [e] acompanhada de expressões selvagens e gestos ferozes e raivosos”. Os visitantes nos assentos da frente eram incentivados a conversar com a realeza e apertar suas mãos (La Belge [Bruxelas], 18 de junho de 1825: 2; 20 de junho: 4; Courrier des Pays-Bas [Bruxelas], 18 de junho de 1825: 3; 20 de junho: 2; 6 de julho de 1825: 2–3; Le Constitutionnel [Paris], 21 de junho de 1825: 2; Journal des Débats politiques et littéraires [Paris], 1º de julho de 1825: 2–3; Arnheimsche Courant, 2 de julho de 1825: 2; Globe [Londres], 1º de agosto de 1825: 2).



**Figura 26** A turnê de Jacqui Engeräckmung pela Alemanha, especialmente por Berlim, Hamburgo e Munique, 1822–1826.

<sup>48</sup> É pelo menos concebível que Chabert tenha ouvido a história sobre um "rei" Botocudo de Agostinho, o afrobrasileiro ex-cativo dos Botocudos (Eschwege 1818: 93; Wied 1820–1821, 2: 62), a quem Chabert se refere em seu livreto como superintendente dos prisioneiros Botocudos de Julião Leão (Chabert 1822b: 9–11; s.d.: 8–10).

Para a ocasião, Chabert mandou imprimir uma versão francesa de seu panfleto<sup>49</sup>, no qual Jochina foi substituído por Adola como o terceiro marido de Tono Maria, supostamente casando-se com ela após matar seu antecessor em batalha—todo o resto permanecendo igual (Chabert s.d.). Durante um jantar privado na cidade, Adola revelou sua intenção de retornar ao Brasil em breve, mas, eventualmente, voltar para estabelecer-se na Europa (Courrier des Pays-Bas [Bruxelas], 5 de julho de 1825: 2).

A partida de Adola foi adiada por uma turnê pelos Países Baixos (Haarlem, Utrecht, Rotterdam, Groningen), que durou até outubro de 1825. Em Rotterdam, o casal real apresentou uma “canção cerimonial”, de acordo com o costume indígena, tanto ao meio-dia quanto ao pôr do sol, e o público foi especificamente convidado a observar a Rainha beber chocolate ao meio-dia e chá às 18 horas (Rotterdamsche Courant, 23 de agosto de 1825: 4).

Após deixarem Groningen, Adola pode ter retornado ao Brasil ou, mais provavelmente, à Inglaterra, enquanto a Rainha (que agora também falava um pouco de inglês) e seu filho seguiram para Bremen na companhia de dois servos que guardavam a entrada da exibição e foram identificados por um crítico como indonésios, possivelmente recrutados por Chabert nos Países Baixos. Tono Maria era tão clara de pele que foi considerada uma crioula, em vez de uma Botocudo, e a criança (mais tarde chamada de Mançego) também foi descrita como mestiça ou apenas adotada, apesar dos comentários de Maximilian sobre a diversidade de tons de pele dos Botocudos (Didaskalia [Frankfurt], 28 de dezembro de 1825: [3]; *Zeitung für die elegante Welt* [Berlim], 13 de abril de 1826: 576; 14 de abril de 1826: 584; *Taberger* 1830: 315; Wied-Neuwied 1820–1821, 2: 64–68).

Ainda em Braunschweig, Chabert e sua irmã (que já em 1819 havia se juntado a ele em suas apresentações como engolidora de fogo) retornaram ao antigo negócio de fogo e venenos. Eles também se apresentaram em Hamburgo antes de voltarem para Londres (Braunschweigische Anzeigen, 25 de janeiro de 1826: 314; *Der Gesellschafter* 2

---

<sup>49</sup> O panfleto não possui indicação de impressão, mas pode ser datado de 1825, pois menciona a idade do “príncipe” como “entre dois e três meses” (Chabert s.d.: 14). A publicação em francês é surpreendente, considerando que Bruxelas era o único local de língua francesa, mas aparentemente também foi vendida na Alemanha (*Zeitung für die elegante Welt* [Berlim], 14 de abril de 1826: 584).

[Berlin], fevereiro de 1826: 221; 16 de junho de 1826: 488; *Hamburger Nachrichten*, 8 de março de 1826: 8; *Gaglignani's Messenger* [Paris], 14 de junho de 1826: [2]). Nos anos que se seguiram até 1830, Chabert consolidou sua reputação como o incontestável “Rei do Fogo,” mas acabou sendo desmascarado como uma fraude pela mesma imprensa que havia construído sua fama. Em 1832, emigrou para os Estados Unidos, onde se reinventou como professor de medicina, oferecendo tratamentos não ortodoxos para várias doenças, incluindo cólera. Seu único legado dos anos no Brasil foi um “Elixir Tapuyas” contra dor de dente, supostamente baseado em um remédio indígena tradicional (*Daily National Intelligencer* [Washington, DC], 1º de março de 1832: 2).

Um obituário descreveu Chabert como “um homem singular e excêntrico, completamente sem educação, exceto por algum conhecimento de química, embora fosse algo de um impostor” (*The Medical and Surgical Reporter* [Philadelphia] 2 (1859): 471). As fontes o revelam como uma pessoa versátil, de imaginação considerável, mas de credibilidade limitada. Contudo, também incluem referências ao seu senso de humor e carisma, traços frequentemente associados a vigaristas. Não se tem a impressão de que, além de sua exploração, ele tenha maltratado diretamente aqueles que foram colocados sob sua responsabilidade para transferência à Europa. A decisão de tentar a sorte exibindo a “família indígena selvagem” foi, obviamente, espontânea, guiada em parte por suas experiências no Brasil e em parte por seu conhecimento sobre o público europeu, e ele pode ter se arrependido disso muitas vezes. Parece provável que ele realmente desejasse retornar Tono Maria ao Brasil e, falhando em vender a exibição, tenha sentido que era sua responsabilidade continuar com sua apresentação ao invés de abandoná-la em um país estrangeiro. No entanto, na ausência de evidências adicionais, muito disso permanecerá no reino da especulação.

Um pensadora feminista recente retratou Tono Maria como “personificação de aberrações culturais e sexuais” (Thomson 1997: 55–56) e sua exibição como algo que “preparou o terreno para o tratamento desumanizador ao qual os corpos femininos não brancos... foram submetidos” (Hobson 2005: 48). Isso não era o que Chabert tinha em mente. Em um de seus artigos lançados na imprensa, ele defendeu a relatividade cultural, apontando que “o provérbio ‘O que é carne para um homem é veneno para outro’ é inegavelmente verdadeiro no que diz respeito às ideias sobre beleza em diferentes países.

Às margens do Avon, a Srta. Botucudos provavelmente não teria muitos admiradores; mas às margens do Rio Doce, ela era considerada uma beleza perfeita. Sonetos, sem conta, foram dedicados ‘às suas sobancelhas’; inumeráveis pretendentes suspiraram pelo toque de seus doces lábios” (Bristol Mercury, 11 de agosto de 1823: 3). Após a morte de Tono Maria, um jornal médico afirmou que “seu corpo, exceto pelo rosto, era um modelo de boa formação, uma verdadeira Vênus, não apenas para seu povo, mas até mesmo para seu sexo em geral” (Kritisches Repertorium für die gesammte Heilkunde [Berlin] 12: 135).

Ao menos em Viena, as damas consideravam o rosto de Francesca encantador – apesar “daqueles três pequenos pedaços de madeira” – e um crítico sugeriu, com ironia, que os botoques de estilo Botucudo poderiam se tornar a próxima tendência da moda (Morgenblatt für gebildete Stände [Stuttgart], 28 de janeiro de 1822: 96–97; Conversations-Blatt [Leipzig], 12 de janeiro de 1822, Beilage: [3]). Colocar os Botucudos de Chabert e os Same exibidos ao mesmo tempo em Londres entre as “Curiosidades e Monstruosidades de 1822,” como na gravura de Charles Williams (Figura 22; King 1987: 249, fig. 6), sugere que a aparência incomum desses “selvagens” se encaixava bem na gama de monstruosidades representadas pelos adereços dos londrinos civilizados.

Esses sentimentos, é claro, não eram universais, e muitos visitantes achavam o espetáculo repulsivo (por exemplo, Defraunconpret 1823: 20). No entanto, é igualmente evidente que observar e, potencialmente, interagir com povos vivos de terras estrangeiras também permitia o reconhecimento de uma humanidade compartilhada, algo que os relatos publicados disponíveis, com seu foco na alteridade, frequentemente não proporcionavam. As referências repetidas, ainda que limitadas, às habilidades linguísticas dos Botucudos e “Puris” indicam que a interação com o público fazia parte do programa. Sim, os Botucudos eram “selvagens,” mas “perfeitamente inofensivos e pacíficos,” como Chabert consistentemente apontou desde o primeiro dia de sua exibição (Morning Chronicle [London], 31 de julho de 1821: 1).

### **Jacqui Engeräckmung, um Francês e Carl Ingermann**

No final de janeiro de 1822, um homem chamado Lasthausen anunciou sua exposição no antigo Café Chinois, apresentando “as três pessoas notáveis chegadas da Inglaterra, a saber: dois japoneses e um selvagem, cuja chegada já foi mencionada” e cuja

aparição pública havia sido adiada porque “sua saúde sofreu devido ao clima desconhecido”. O “gabinete de arte” dos irmãos Ingermann continuaria a ser exibido no mesmo local (Hamburger Nachrichten, 26 de janeiro de 1822: 7).

O mau tempo parece ter afetado principalmente os “japoneses”, pois, três semanas antes, já havia sido possível ver em outro estabelecimento de Hamburgo “o homem selvagem da América do Sul, com um grande botoque no lábio, o que é muito notável” (Hamburger Nachrichten, 7 de janeiro de 1822: 8).

Lasthausen continuou esta exposição até meados de fevereiro, quando os irmãos Ingermann parecem tê-lo substituído como gerentes, e em 23 de fevereiro anunciaram o fim próximo do show com preços reduzidos (Hamburger Nachrichten, 9 de janeiro de 1822: 7; 16 de fevereiro de 1822: 7; 23 de fevereiro de 1822: 7). No decorrer do mês seguinte, o improvável trio foi separado. Em julho, os Ingermanns e o “homem selvagem” estavam visitando Blumenbach em Göttingen, que investigou de perto o brasileiro e encomendou dois desenhos dele (Figuras 24, 25; Staats- und gelehrte Zeitung [Hamburg], 14 de setembro de 1822: 2; Leipziger Tageblatt, 23 de abril de 1825: 535; Urban 1987: 170). Ao mesmo tempo, Lasthausen estava exibindo os “dois japoneses” em Braunschweig (Braunschweigische Anzeigen, 10 de agosto de 1822: 2421).

Os “japoneses” na verdade eram os primeiros chineses a serem trazidos para a Alemanha, e Lasthausen fez o melhor negócio de sua vida quando, em março de 1823, o Rei da Prússia, alertado por um longo relatório de Lorenz Oken (1822), adquiriu dele os dois homens, Assing e Haho, para fornecer aos acadêmicos alemães uma visão interna da língua e cultura chinesas. Aparentemente, Heinrich Lasthausen, um padeiro holandês de *waffles* que em 1818 havia adicionado um gabinete de figuras de cera ao seu negócio, conheceu os chineses em 1821 em Londres e os contratou para vir com ele à Alemanha para serem exibidos publicamente (Güttinger 2004: 83–88). Como as “três pessoas notáveis” foram todas descritas como tendo chegado da Inglaterra, podemos supor que o Botocudo também veio da Inglaterra para Hamburgo. E ficamos nos perguntando o que Assing e Haho pensaram de seu companheiro Botocudo e vice-versa. Quando Firmiano viu pela primeira vez homens chineses no Rio de Janeiro, chamou-os de “meus tios”, e Saint-Hilaire achou isso notável porque Firmiano nunca usava termos de parentesco ao falar sobre outros povos indígenas (Saint-Hilaire 1847–1848, 1: 40).

Os irmãos Ingermann, especialmente Carl Ingermann, que em 1824 era o único proprietário do gabinete em que o “homem selvagem” brasileiro fazia sua aparição, tinham sua própria versão sobre como o Botocudo chegou à Europa. Várias variações da história foram publicadas, mas, em linhas gerais, isso é o que alegaram: Como jovem de cerca de 17 ou 18 anos, Engeräckmung, nome atribuído tanto ao homem quanto ao seu povo, e um de seus camaradas foram persuadidos por um francês a acompanhá-lo à Europa<sup>50</sup>. Durante a viagem de Bahia para a Europa, o navio comandado por um Capitão Hahn ou Frank encalhou perto da ilha de Heligolândia, e apenas Engeräckmung, o timoneiro e um marinheiro sobreviveram. Eles foram para Hamburgo para ver o Sr. Iven, o comerciante a quem a maior parte da carga havia sido consignada. Lá, o Botocudo foi beneficiado pela caridade de um capitão até que, para evitar colocá-lo na casa dos pobres, ele foi entregue aos Ingermanns pelo senador Abendroth e/ou pelo conselho da cidade de Hamburgo em fevereiro de 1822. Os Ingermanns alegaram que o contrato, que estariam dispostos a submeter à inspeção de qualquer autoridade, garantia a Engeräckmung não apenas alojamento e alimentação, mas também um salário anual<sup>51</sup> (Staats- und gelehrte Zeitung [Hamburg], 14 de setembro de 1822: 2; Neckar-Zeitung [Stuttgart], julho de 1823: 738; Flora [München], 3 de dezembro de 1823: 772; Ingermann 1823, 1824).

Quanto ao nome, “Engeräckmung” pode não ter sido o verdadeiro nome do Botocudo. Blumenbach, escrevendo para Maximilian após a visita de Engeräckmung a Göttingen, referiu-se a ele como o “Jacqui peregrino” e questionou se ele já havia visitado Quäck (Willscheid 2002: 186; 2017: 99). Ambos os retratos do jovem produzidos para Blumenbach em 1822 também identificam seu nome como Jacqui, e um deles indica que ele tinha 18 anos, apenas um ano mais velho que Quäck e três ou quatro anos mais jovem que João, Francesca e Firmiano.

Não há relatos independentes sobre o que ocorreu em Hamburgo. Havia uma família Iven em Hamburgo, e o senador Amandus Abendroth, chefe da polícia local,

---

<sup>50</sup> A designação “Engeräckmung” foi dada por Wied (1820–1821, 2: 2) como a autodenominação dos Botocudos; essa forma e a variante Crecmun (Saint-Hilaire 1830, 2: 150) foram posteriormente interpretadas por Keane (1884: 200) e Ehrenreich (1887: 5–6) como um nome familiar ou pessoal. Os Ingermanns usaram essa palavra pela primeira vez tanto para o homem quanto para seu povo em 1823 e, obviamente, a tomaram do relato de Wied.

<sup>51</sup> Em 1825, Carl Ingermann anunciou que estava “inclinado a permitir que meu selvagem tivesse, em cada cidade, a arrecadação de um dia” (Leipziger Tageblatt, 3 de maio de 1825: 629).

certamente era responsável por tais assuntos. Infelizmente, grande parte do material de arquivo possivelmente relevante foi destruído durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, deve ter havido ao menos um traço de verdade na história sobre um contrato entre a cidade e os Ingermanns, já que ela também foi publicada em um jornal de Hamburgo sob os olhos de Abendroth. Contudo, não há registro de um naufrágio perto de Heligolândia, e parece claro que Engeräckmung foi trazido de Londres por Lasthausen no final de 1821, pouco depois da chegada à Inglaterra dos Botocudos de Chabert e da escala em Plymouth do Northumbria transportando João e Francesca. Assim, Engeräckmung e seu companheiro de viagem original podem também ter sido parte do grupo levado ao Rio de Janeiro por Julião Leão. Embora Bahia, e não Rio, seja mencionada como o porto de partida de Engeräckmung, os Botocudos de Pohl também haviam saído do Brasil a partir da Bahia.

Os irmãos Ingermann eram artistas da cidade de Königsberg, na Prússia Oriental, atualmente Kaliningrado. Eles se especializaram em figuras de cera, muitas vezes combinadas com dispositivos mecânicos e ópticos para animar suas criações, e era isso que exibiam em seu "gabinete de arte" itinerante. Exibir seres humanos vivos não fazia parte de sua linha de trabalho, até que Lasthausen os introduziu a essa ideia de negócio, e Engeräckmung sempre permaneceu uma adição peculiar às réplicas de cera de Cristóvão Colombo, Martinho Lutero, Napoleão, o frenologista Gall e criminosos famosos locais. Anunciava-se que o Botocudo seria exibido “vestido com seu traje nacional,” mas é mais provável que, como Jochina e Tono Maria, ele usasse algum tipo mais decente de vestimenta exótica.

Por volta de 1825, a exibição também incluía “alguns objetos notáveis que ele trouxe de sua terra natal”, como um porrete de guerra, um remo feito de osso, uma faca para escalar com bainha coberta de pele humana, um cocar de “penas estrangeiras,” um vaso de bambu para beber e um tapete para dormir feito de fibras de coco. Exceto pelo tubo de bambu, nenhum desses itens era de fato artefato Botocudo. Isso também é válido para a trombeta de concha usada por Engeräckmung em suas “performances muito interessantes,” que não foram especificadas nos anúncios nem descritas por quaisquer dos revisores, que se concentravam mais na interação com o Botocudo, que falava alemão o suficiente para se engajar em conversas (Ingermann 1823, 1825).

Os relatos geralmente descrevem Engeräckmung como a “parte mais interessante” do gabinete: “Ele é modesto, animado e alegre, mesmo entre estranhos, e parece sentir-se em casa na Europa.” “A bondade e amabilidade de seu rosto rechonchudo, coberto de cabelo preto e desgrenhado,” observou outro visitante, “eram extremamente cativantes. Mesmo o fatal pino de madeira em seu lábio inferior espesso o desfigurava menos do que se poderia imaginar.” O “comportamento natural desse jovem selvagem” era geralmente atribuído ao “cuidado amoroso que os Ingermanns lhe deram,” que “não negligenciaram nada para aproximá-lo cada vez mais do mundo civilizado.” Em vez de exotificar Engeräckmung, a exibição evidentemente ajudava a diminuir qualquer lacuna que pudesse existir entre o Botocudo e os alemães (Neckar-Zeitung [Stuttgart], 10 de julho de 1823: 738; Eos [München], 17 de março de 1824: 175; Leipziger Tageblatt, 23 de abril de 1825: 535; Hesperus 1825: 480).

A rota tomada pelos Ingermanns só pode ser parcialmente reconstruída (Figura 26). Após sua visita a Göttingen em julho de 1822, há um lapso nos registros até julho e agosto de 1823, quando o Botocudo foi exibido em Stuttgart e Tübingen<sup>52</sup>. Depois de outra breve lacuna, eles deixaram um rastro relativamente contínuo entre outubro de 1823 e maio de 1825 pela Baviera (Augsburg, Nürnberg, Munique, Landshut, Regensburg, Amberg, Bayreuth, Bamberg, Coburg) e continuaram até Leipzig<sup>53</sup>.

Eles reapareceram em Berlim em junho de 1826, e finalmente em Bromberg/Bydgoszcz, na atual Polônia, em maio de 1828, possivelmente a caminho da casa de Ingermann em Königsberg/Kaliningrado<sup>54</sup>. A próxima referência ao gabinete de

---

<sup>52</sup> Neckar-Zeitung [Stuttgart], 10 de julho de 1823: 738; Intelligenz-Blatt für die Oberamts-Bezirke Tübingen und Rottenburg, 18 de agosto de 1823: 281.

<sup>53</sup> Augsburger Ordinari Postzeitung, 30 de outubro de 1823: 4; 4 de dezembro de 1823: 4; Flora [München], 3 de dezembro de 1823: 772; Allgemeines Intelligenz-Blatt der Stadt Nürnberg, 7 de janeiro de 1824: 31; Friedens- und Kriegs-Kurier [Nürnberg], 7 de fevereiro de 1824: 132; Eos [München], 17 de março de 1824: 175; Königlich Bayerischer Polizey-Anzeiger von München, 21 de março de 1824: 238; 11 de abril de 1824: 298; Münchner politische Zeitung, 9 de abril de 1824: 476; Landshuter Wochenblatt, 16 de maio de 1824: 158; Regensburger Wochenblatt, 21 de julho de 1824: 375; Regensburger Zeitung, 3 de agosto de 1824: 742; Amberger Wochenblatt, 31 de agosto de 1824: 547; Bayreuther Zeitung, 12 de outubro de 1824: 884; Zeitschrift für die elegante Welt [Berlin], 31 de março de 1825: 511; Herzogl. Sachsen-Coburg-Saalfeldisches Regierungs- und Intelligenzblatt [Coburg], 1 de janeiro de 1825: 10; Intelligenzblatt für den Unter-Mainkreis [Würzburg], 17 de março de 1825: 639; Leipziger Tageblatt, 19 de abril de 1825: 488; 23 de abril de 1825: 535, 537; 25 de abril de 1825: 556; 3 de maio de 1825: 639.

<sup>54</sup> Allgemeine Theaterzeitung [Wien], 28 de setembro de 1826: 472.

Ingermann é de Cöslin/Koszalin em setembro de 1832<sup>55</sup>, e nessa ocasião o Botocudo não é mais mencionado. É provável, portanto, que Jacqui tenha falecido entre 1828 e 1832<sup>56</sup>, em algum lugar na Polônia. Carl Ingermann continuou a exhibir seu gabinete em várias cidades alemãs, bem como em Praga, até pelo menos 1847. Naquela época, o gabinete era descrito como "uma exposição de arte" junto com um acervo de arte e história natural com mais de 1.000 peças, destacando-se pela ênfase notável na etnografia.

### Algumas Conclusões

Pouquíssimos outros indígenas brasileiros foram levados para a Europa durante a década de 1820, destacando-se o menino Juri, Johannes, e a menina Miranha, Isabella, que faziam parte da coleção de Spix e Martius e faleceram em Munique em 1821 e 1822, respectivamente. Eles eram sobreviventes de oito indígenas coletados por Martius em 1820. No relato final da viagem, Martius afirma que cinco deles, incluindo Miranha, foram capturados em guerras intertribais pelo chefe Miranha, João Manoel, e entregues a ele como parte de uma troca, sendo aceitos "por motivos de humanidade" (Spix e Martius 1823–1831, 3: 1264–1265). No entanto, em uma carta anterior, os viajantes bávaros descrevem João Manoel como um caçador de escravos habitual, a quem Martius havia solicitado a captura de algumas crianças para ele (Spix e Martius 1821: 16, 19). Essa verdade pode ter sido embaraçosa para Martius, que em outro momento sugeriu que Miranha havia sido entregue por Manuel Joaquim de Paço, o governador do Rio Negro (Helbing 2012: 183).

No caso de Juri, as versões publicadas sugerem que ele foi um escravo dos Miranhas libertado pelos naturalistas ou "havia se juntado à expedição" na fazenda do Capitão Ricardo Zany (Spix e Martius 1823–1831, 1: XIII; 3: 1277)<sup>57</sup>. Em uma nota não publicada, Martius admite que foi autorizado a selecionar um dos indígenas de Zany "para

---

<sup>55</sup> Amtsblatt der Königlichen Preußischen Regierung zu Bromberg, 16 de maio de 1828: 428.

<sup>56</sup> **Allgemeines Pommersches Volksblatt** [Cöslin], 29 de setembro de 1832, suplemento: [1]. Por exemplo, Zibr 1912: 82; **Bohemia** [Prag], 23 de dezembro de 1838: [4]; 11 de janeiro de 1839; **Ingolstädter Wochen-Blatt**, 7 de junho de 1840: 177; **Münchener Morgenblatt**, 31 de julho de 1840: 120; **Beilage zum Intelligenz-Blatt für Mittelfranken** [Ansbach], 23 de dezembro de 1840: 1847.

<sup>57</sup> Essas circunstâncias levantam algumas dúvidas sobre se Miranha era realmente uma garota Miranha ou uma cativa de outro povo.

exibi-lo na Europa e depois educá-lo à humanidade europeia, algo que arroguei para mim mesmo” (Schönitzer 2015: 102n19). A origem de dois dos oito indígenas permanece obscura; mas é afirmado que Martius deixou dois deles no Brasil (Spix e Martius 1823–1831, 3: 1265), enquanto quatro faleceram no Brasil ou durante a viagem à Europa (Helbig 1994: 182–183; Schönitzer 2011: 150–153; 2015). O objetivo de coletar Miranha e Juri foi explicitado claramente após sua chegada em Munique: “como evidência e sujeitos de pesquisa adicional” (Eos [München] 1821[23]: 94).

Em resumo, pode-se afirmar que todos os Botocudos vistos na Europa na década de 1820 foram alienados de suas comunidades sob os auspícios da Sétima Divisão Militar e que, com exceção de Quäck, provavelmente todos faziam parte do grupo levado por Leão ao Rio no início de 1821. O mercado existente para crianças e adultos indígenas, resultante de uma política fracassada, permitiu que Maximilian e Pohl adicionassem seres humanos vivos às suas coleções representando diversidade natural e cultural, o que foi feito sem muita, ou nenhuma, consideração pelo destino de “seus Botocudos.” Quäck, João e Francesca nunca foram exibidos por dinheiro, embora o público demonstrasse grande interesse em vê-los e, em troca, lhes oferecessem presentes e moedas.

Enquanto este caso também pode ser explicado como resultado de uma combinação de oportunidade e aspiração científica não refletida, o foco nos Botocudos durante este período foi certamente influenciado por sua reputação como “canibais”, sendo presumivelmente representativos de um estágio particularmente baixo de desenvolvimento da humanidade. Essa também foi a razão pela qual crânios de Botocudos eram tão demandados e acabaram por representar a população indígena brasileira mais presente em coleções antropológicas na Europa (Ehrenreich 1892: 34).

Chabert e Ingermann nunca haviam planejado coletar Botocudos, e nem mesmo estavam envolvidos no negócio de exibir “selvagens” ou “aberrações”—apenas cães-lobo siberianos e figuras de cera. Jochina, Tono Maria e Engeräckmung foram adquiridos “de segunda ou terceira mão” de franceses que os haviam trazido do Brasil para serem exibidos na Europa. (Nesse contexto, é bastante notável que os primeiros Botocudos na França tenham chegado apenas em 1844/1845, novamente principalmente para fins

“científicos,” embora o desejo de “civilizá-los” também estivesse presente, incluindo visitas à ópera)<sup>58</sup>.

Embora representassem para os espectadores europeus exemplos de um povo supostamente antropofágico no estágio mais baixo de desenvolvimento cultural, todos eles foram reconhecidos como seres humanos e muitas vezes como indivíduos bastante encantadores— uma perspectiva geralmente ausente no foco na alteridade inerente aos relatos publicados ou coleções de cultura material.

Mesmo o Professor Blumenbach, que havia feito um julgamento extraordinariamente severo com base no crânio de Botocudo de Maximilian, posteriormente reconhecido como altamente atípico (Rudolphi 1828: 663; Lacerda e Peixoto 1876: 50–52)—afirmando que “em sua forma total ele se assemelha mais a um orangotango do que a qualquer um dos oito crânios de negros em minha posse”<sup>59</sup>—achou Jacqui Engeräckmung suficientemente agradável e o convidou várias vezes para sua casa. Lá, na companhia de várias damas, o jovem “se divertia sentado no sofá” (Staats- und gelehrte Zeitung [Hamburg], 14 de setembro de 1822: 2). Três anos depois, Jacqui ainda lembrava gentilmente do professor (a quem ele chamava de “Papa Blumenbach”), embora—ainda em uma demonstração marcante de relatividade cultural—não conseguisse entender por que “o bom Papa havia cortado tantas cabeças humanas para mantê-las em seu gabinete” (Leipziger Tageblatt, 23 de abril de 1825: 535).

---

<sup>58</sup> Veja, por exemplo, *Journal des débats politiques et littéraires* [Paris], 18 de setembro de 1844: [2]; *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l’Académie des sciences* [Paris] 19 (1844): 490; 20 (1845): 901; *Der Humorist* [Wien], 3 de outubro de 1844: 951; 11 de novembro de 1844: 1119; *Le Constitutionnel* [Paris], 23 de março de 1845: 4; *La Presse* [Paris], 20 de março de 1845: 2; Serres 1845; Esqueiros 1845: 168; Jomard 1846.

<sup>59</sup> O julgamento foi especialmente incomum, dado o posicionamento firme de Blumenbach sobre a unidade física da humanidade (ver também Tiedemann 1836, 1837). Para uma recente explicação que esclarece que Blumenbach era um “etnocentrista”, mas certamente não um racista, consulte Rupke e Lauer (2019).

## Referências

ANONYMOUS. \*Barátságos Tudósítások Külföldről. **Béts Április 30-ikán 1825\***. Tudományos Gyűjtemény, [Pest], v. 1827, n. 2, p. 3–42, 1827.

ANONYMOUS. **Memoir of Xavier Chabert**. The Imperial Magazine, [London], v. 12, n. 2, p. 113–112, 1830.

ARAGO, Jacques Étienne Victor. **Promenade autour du monde pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820, sur les corvettes du roi l’Uranie et la Physicienne commandées par M. Freycinet**. 2 vols. Paris: Leblanc, 1822.

ARAGO, Jacques Étienne Victor. **Souvenirs d’un aveugle. Voyage autour du Monde**. 4 vols. Paris: Hortet et Ozanne, 1839.

AUGUSTAT, Claudia (Ed.). **Além do Brasil**. Johann Natterer e as coleções etnográficas da expedição austríaca de 1817 a 1835 ao Brasil. Viena: Museum für Völkerkunde, 2012.

AUGUSTAT, Claudia. In the Shadow of Johann Natterer. Johann Emanuel Pohl’s Ethnographic Collection. **Archiv Weltmuseum Wien**, v. 63–64, p. 97–107, [s.d.].

BALDUS, Herbert. **Bibliografia crítica da etnologia brasileira**. Vol. 2. Völkerkundliche Abhandlungen 4. Hannover, 1968.

BECHER, Hans. **Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff in Brasilien**. Völkerkundliche Abhandlungen 10. Hannover, 1987.

BERNSTEIN, Johann Theodor Christian. Ein Brasilianer in Neuwied. Reimpresso de **Neuwieder Zeitung/Reich der Todten**, [Neuwied], n. 16, p. 161–165, 20 fev. 1818. **Beilage zum Oppositions-Blatte**, [Weimar], n. 22, p. 174–176, 6 mar. 1818; parcialmente reimpresso em **Baierische National-Zeitung**, [München], n. 54, p. 203–204, 4 mar. 1818.

BERNSTEIN, Johann Theodor Christian. Carta a Ludwig Friedrich von Froriep, 25 jul. 1834. **Goethe- und Schiller Archiv Weimar**, Bertuch 06/3188, n. 86.

BIEBER, Judy. Mediation through Militarization: Indigenous Soldiers and Transcultural Middlemen of the Rio Doce Divisions, Minas Gerais, Brazil, 1808–1850. **The Americas**, v. 71, n. 2, p. 227–254, 2014.

BLANCHARD, Pascal (Ed.). **Human Zoos: Science and Spectacle in the Age of Colonial Empires**. Liverpool: Liverpool University Press, 2008.

BLANCHARD, Pascal et al. (Eds.). **Human Zoos: The Invention of the Savage**. Paris: Musée du quai Branly, 2011.

FREYREISS, G. Wilhelm. *Reise in Brasilien*. The Ethnographical Museum of Sweden, **Monograph Series 13**. Stockholm, 1968.

GÖTZ, Roland. *Münchner Kindl. Ungewöhnliche Lebensläufe aus dem alten München im Spiegel der Pfarrmatriken*. München: **Archiv des Erzbistums München und Freising**, 2008.

GRAHAM, Maria. **Journal of a Voyage to Brazil, and Residence there, during Part of the Years 1821, 1822, 1823**. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green, 1824.

GÜTINGER, Erich. **Die Geschichte der Chinesen in Deutschland**. Münster: Waxmann, 2004.

HELBIG, Jörg (Ed.). **Brasilianische Reise 1817–1820**. München: Hirmer, 1994.

HESPERUS. Correspondenz. ... Neuwied, 10. November [1819]. **Hesperus**, v. 25, supplemento 6, p. 46–47, 1820/1.

HESPERUS. Sehenswürdigkeiten der Leipziger Ostermesse. **Hesperus**, v. 30, n. 121, p. 479–480, [s.d.].

HOBSON, Janell. **Venus in the Dark: Blackness and Beauty in Popular Culture**. New York, NY: Routledge, 2005.

HONE, William. **The Table-Book**. 2 vols. London: Hunt and Clarke, 1827–1828.

HOUDINI, Harry. **Miracle Mongers and Their Methods**. New York, NY: E. P. Dutton, 1920.

HYRTL, Joseph. **Vergangenheit und Gegenwart des Museums für menschliche Anatomie an der Wiener Universität**. Wien: Wilhelm Braumüller, 1869.

INGERMANN, Carl. Kabinet von Kunstwerken ... der lebendige, merkwürdige Wilde ... [Tübingen], 1823. **Pôster**, Württembergische Landesbibliothek, Stuttgart, cat. n. HBFC 9038. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz4927495233>.

INGERMANN, Carl. ... der lebendige, merkwürdige Wilde ... [Leipzig], 1825. **Pôster**, Stadtgeschichtliches Museum Leipzig, Handzettel, VI/65.

JACQUEMOND, Victor. Voyage dans l'Inde pendant les années 1828 à 1832. **Journal**. Tome I. Paris: Firmin Didot Frères, 1841.

JERROLD, Blanchard. **The Life of George Cruikshank**. In Two Epochs. London: Chatto & Windus, 1894.

JOMARD, E. F. Notes sur les Botocudos. **Bulletin de la Société de géographie**, v. 6, p. 377–384, 1846. Traduzido como: Notícia sobre os Botocudos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 9, p. 107–113, 1847.

KEANE, A. H. On the Botocudos. **Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**, v. 13, p. 199–213, 1884.

KING, J. C. H. Family of Botocudos Exhibited on Bond Street in 1822. In: FEEST, Christian F. (Ed.). **Indians and Europe. An Interdisciplinary Collection of Essays (Forum 11)**. Aachen: Rader, p. 243–251, 1987.

KNOCHE, Walter. Einige Bemerkungen über die Uti-Krag am Rio Doce (Espírito Santo). **Zeitschrift für Ethnologie**, v. 45, n. 3, p. 394–399, 1913.

KOPPEL, Susanne. **Brasilien**. Alte Bücher, Neue Welt. Stuttgart: Robert Bosch GmbH, 2006.

LACERDO, Filho; PEIXOTO, Rodrigues. Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil. **Arquivos do Museu Nacional**, v. 1, p. 47–75, 1876.

LÄNG, Hans. **Indianer waren meine Freunde**. Leben und Werk Karl Bodmers 1809–1893. Bern; Stuttgart: Hallwag, 1976.

LANGFUR, Hal. **Forbidden Lands: Colonial Identity, Frontier Violence, and the Persistence of Eastern Brazil's Indians, 1750–1830.** Stanford, CA: Stanford University Press, 2006.

LANGFUR, Hal. Elite Ethnography and Cultural Eradication: Confronting the Cannibal in Early Nineteenth-Century Brazil. In: SLEEPER-SMITH, Susan (Ed.). **Contesting Knowledge. Museums and Indigenous Perspectives.** Lincoln, NE: University of Nebraska Press, p. 45–64, 2009.

LEITHOLD, Theodor von. **Meine Ausflucht nach Brasilien oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro.** Berlin: Maurersche Buchhandlung, 1820.

LÖSCHNER, Renate, and Birgit KIRSCHSTEIN-GAMBER. **Brasilien-Bibliothek der Robert Bosch GmbH. Katalog Band II: Nachlass des Prinzen Maximilian zu Wied-Neuwied. Teil I: Illustrationen zur Reise 1815 bis 1817 in Brasilien.** Stuttgart. Deutsche Verlags-Anstalt, 1998.

LUSTOSA, Isabel. Henri Plasson et la première presse française au Brésil (1827–1831). **Medias**, v. 19, 2018. (<http://www.medias19.org/index.php?id=23758>=).

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. Briefe aus Brasilien. **Isis**, v. 18, n. 2, p. 353–357, 1818.

MELO, Alice, and Ronaldo PELLI. A volta do índio quase alemão. Chega ao Brasil restos mortais do borum Kuêk. **Revista de Historia da Biblioteca Nacional**, v. 68, 2011.

MÉTRAUX, Alfred. Les Indiens Waitaka. **Journal de la Societe des Americanistes**, n.s., v. 21, n. 1, p. 107–126, 1929.

MEYER, Friedrich Johann Lorenz. **Brief-Fragmente vom Taunus, Rhein, Neckar und Mayn.** Hamburg: Perthes und Besser, 1822.

MÜLLER, Wilhelm Christian. **Flug von der Nordsee zum Montblank.** 2 vols. Altona: Hammeric, 1821.

NATTERER, Johann. Draft of letter to Wenzel Philipp Leopold Baron von Mareschal, Ipanema, 12 July 1822. **Archive**, Weltmuseum Wien, Natterer, 9/2, 11/1–6.

OKEN, Lorenz. Über die zwei in Deutschland reisenden Chinesen. **Isis** 1822, Literarischer Anzeiger, p. 417–432, 1822.

OUSELEY, William. **Travels in Various Countries of the East; more particularly Persia**. 3 vols. London: Rodwell and Martin, 1819–1823.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. Os botocudos do leste na ótica dos viajantes do século XIX (1815–1820). In: Luiz Sávio de Almeida and Marcos Galindo (Eds.), **Índios do Nordeste: temas e problemas 3** (Maceió: EDUFAL), p. 97–128, 2002.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. Os kurukas no mercado colonial. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, v. 80, p. 79–98, 2012.

PAULHART, Herbert, and Georg WACHA. Ein Aufenthalt in Wien 1823. Nach den Tagebuchaufzeichnungen des Lambacher Benediktiners Franz Kollendorfer. **Jahrbuch des Vereines für Geschichte der Stadt Wien**, v. 17/18, p. 200–215, 1962.

POHL, Johann Emanuel. **Reise im Inneren von Brasilien**. 2 vols. Wien: Strauss's Witwe, 1832–1837.

PROGRAMM Braunschweig: Herzogliche Waisenhaus Buchdruckerei, 1836.

QUATREFAGES, A. de, and Ernest T. HAMY. **Les Cranes des races humaines**. Paris: J. B. Baillière et fils, 1882.

QURESHI, Sadiyah. **Peoples on Parade: Exhibitions, Empire, and Anthropology in Nineteenth-Century Britain**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2011.

RIEDL, Titus. De índios, crânios e seus 'coleccionadores'. Dados sobre o exotismo e a trajetória da antropologia, no Brasil do século XIX. **Revista de Ciências Sociais**, v. 2, n. 1–2, p. 115–124, 1996.

RÖDER, Josef, and Hermann TRIMBORN (Eds.). **Maximilian Prinz zu Wied. Unveröffentlichte Bilder und Handschriften zur Volkerkunde Brasiliens**. Hannover - Stuttgart: Ferd. Dümmler, 1954.

RUDOLPHI, Karl Asmund. Anthropologie. In: C. F. von Gräfe et al. (Eds.), **Encyclopadisches Wörterbuch der medicinischen Wissenschaften** (37 vols., Berlin: J. W. Boike), v. 2, p. 650–664, 1828.

RUPKE, Nicolaas, and Gerhard LAUER (Eds.). **Johann Friedrich Blumenbach: Race and Natural History, 1750–1850**. London : Routledge, 2019.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Histoire de plantes les plus remarquables du Bresil et du Paraguay**. Paris: A. Belin, 1824.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes**. 2 vols. Paris: Grimbert et Dorez, 1830.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Voyage dans le district de diamans et sur le littoral du Bresil**. 2 vols. Paris: Gide, 1833.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz**. 2 vols. Paris: A. Bertrand, 1847–1848.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine**. 2 vols. Paris: Arthus Bertrand, 1851.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Voyage a Rio-Grande do Sul (Bresil)**. Orléans: H. Herluison, 1887.

SAUER, Walter. Exotische Schaustellungen im Wiener Vormärz. Zwischen Voyeurismus und früher Rassentheorie. **Mitteilungen des Instituts für österreichische Geschichtsforschung**, v. 124, n. 2, p. 391–417, 2016.

SCHAAFFHAUSEN, Hermann. **Die anthropologische Sammlung des Anatomischen Museums der Universität Bonn**. Die anthropologischen Sammlungen Deutschlands 1. Braunschweig: Vieweg, 1887.

SCHADOW, Johann Gottfried. **Polyclet oder von den Maasen des Menschen**. 2 vols. Berlin: L. Sachse, 1835.

SCHILLING, Karl. Späte aber versöhnliche Heimkehr. **Topicos**, v. 2011, n. 2, p. 42–43, 2011.

SCHMUTZER, Kurt. „Der Liebe zur Naturgeschichte halber.“ **Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817–1835**. Veröffentlichungen der Kommission für Geschichte der Mathematik, Naturwissenschaften und Medizin 64. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2011.

SCHMUTZER, Kurt, and Christian FEEST. Brazil in Vienna: Encounters with a Distant World. **Archiv Weltmuseum Wien**, v. 63–64, p. 267–283, 2014.

SCHÖNITZER, Klaus. Ein Leben für die Zoologie. Die Reisen und Forschungen des Johann Baptist Ritter von Spix. München: Edition Monacensia, 2011.

SCHÖNITZER, Klaus. **From the New World to the Old**. **Journal Funf Kontinente**, v. 1, p. 79–105, 2015.

SCHREIBERS, Karl von. **Nachrichten von den kaiserl. osterreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit**. 2 vols. Brünn: Trassler, 1820–1822.

SERRES, Étienne. Étude de la race américaine. **Comptes rendus hebdomadaires des seances de l'Academie des sciences**, v. 21, p. 7–9, 1845.

SPIX, Johann Baptist, and Carl Friedrich Philipp MARTIUS. Letzter Bericht der Akademiker Dr. v. Spix und v. Martius aus Brasilien. **Kunst- und Literaturblatt aus Baiern. Eine Beilage zur Eos** 1821, n. 1, p. 2–4; n- 2, p.. 7–8; n. 3, p. 10–12; n. 4, p. 14–16; n. 5, p. 18–20; n. 6, p. 23–24; n. 7, p. 26–28; n. 8, p. 30–32; n. 9, p. 36, 1821.

SPIX, Johann Baptist, and Carl Friedrich Philipp MARTIUS. **Reise in Brasilien ... in den Jahren 1817 bis 1820**. 3 vols. and atlas. München: Hübschmann, 1823–1831.

SPRENGEL, W. J. **Die von Blumenbach gegründete anthropologische Sammlung der Universität Göttingen.** Die anthropologischen Sammlungen Deutschlands 2. Braunschweig: Vieweg, 1887.

STAEHELIN, Balthasar. **Volkerschauen im Zoologischen Garten Basel 1879–1935.** Basel: Basler Afrika Bibliographien, 1993.

STOECKER, Holger. Der Schädel der „Wilden“. Friedrich Sellow und das anthropologische Sammeln. In: Hanns Zischler, Sabine Hackethal, Carsten Ebert (Eds.), **Die Erkundung Brasiliens. Friedrich Sellsows unvollendete Reise** (Berlin: Galiani), p. 203–211, 2013.

STRAUSS, André, Mark HUBBE, Walter A. NEVES, Danilo V. BERNARDO, and Jo.o Paulo V. ATUI. The Cranial Morphology of the Botocudo Indians. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 157, p. 202–216, 2015.

STURTEVANT, William C. The First American Discoverers of Europe. **European Review of Native American Studies**, v. 7, n. 2, p. 23–29, 1993.

SWIDERSKI, Richard. Chabert and Scientific Poison Eating. In: Richard Swiderski, **Poison Eaters: Snakes, Opium, Arsenic, and the Lethal Show** (Boca Raton, FL: Universal Publishers), p. 135–169, 2010.

TABERGER, J. B. Chabert, der s.g. Feuerkönig, Phosphoresser, u.s.w. **Zeitschrift für die Staatsarzneikunde**, v. 10, n. 1, p. 314–338, 1830.

TAUNAY, Hippolyte, and Ferdinand DENIS. **Le Bresil, ou Histoire, Moeurs, Usages ou Coutumes des Habitans de ce Royaume.** Tome quatrieme. Paris: Nepveu, 1822.

THODE-ARORA, Hilke. **Für funfzig Pfennig um die Welt.** Die Hagenbeckschen Volkerschauen. Frankfurt a.M.: Campus, 1989.

THOMSON, Rosemary Garland. **Extraordinary Bodies: Figuring Physical Disability in American Culture and Literature.** New York, NY; Columbia University Press, 1997.

TIEDEMANN, Friedrich (Frederick). Letter to Johann Theodor Christian Bernstein, 6 September 1835. **Fürstliche Wiedisches Archiv**, Neuwied, no signature.

TIEDEMANN, Friedrich (Frederick). On the Brain of the Negro, Compared with That of the European and the Orang-Outang. **Philosophical Transactions of the Royal Society of London**, v. 126, p. 497–527, 1836.

TIEDEMANN, Friedrich (Frederick). **Das Hirn des Negers mit dem des Europaers und des Orang-Outangs verglichen**. Heidelberg: Karl Winter, 1837.

URBAN, Manfred. Die völkerkundliche Sammlung. In: Gustav Beuermann et al. (Eds.), **250 Jahre Georg-August-Universität Göttingen** (Göttingen: Georg-August-Universität), p. 158–173, 1987.

WALTHER, Ph. A. F. **Die Sammlungen ... im Grossherzoglichen Museum zu Darmstadt**. 2nd ed. Darmstadt 1844: C. Jonghaus, 1847.

WIED-NEUWIED, Maximilian. **Travels in Brazil in the Years 1815, 1816, and 1817**. London: Henry Collins, 1821.

WIED-NEUWIED, Maximilian. **Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817**. 2 vols. Frankfurt: Brönner, 1820–1821.

WIED-NEUWIED, Maximilian. **Reise in das innere Nord-Amerika in den Jahren 1832 bis 1834**. 2 vols and atlas. Koblenz: Hölscher, 1839–1841.

WIED-NEUWIED, Maximilian. **Brasilien. Nachtrage, Berichtigungen und Zusatze**. Frankfurt: Heinrich Ludwig Brönner, 1850.

WIED-NEUWIED, Maximilian. Letter to Franz Hermann Troschel, 15 October 1861. Archive of the Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften (Berlin), NL Troschel, no. 422. (Printed in part in **Sitzungsberichte der Niederrheinischen Gesellschaft für Natur- und Heilkunde in Bonn**, 9 January 1862, p. 49–51.) [A very similar account appears in an addition by Maximilian to his Brazilian diary, now in the Brasilien-Bibliothek der Robert Bosch GmbH, Stuttgart, cited by Willscheid 2017, p. 102].

WILLSCHEID, Bernd. Der Botokuden-Indianer Quäck in Neuwied. **Heimat-Jahrbuch des Landkreises Neuwied 2002**, p. 178–192.

WILLSCHIED, Bernd. Joachim Quäck und William Russels. In: Bernd Willscheid (Ed.), **Prinz Maximilian zu Wied. Ein rheinischer Naturforscher in der Alten und Neuen Welt** (Neuwied: Roentgen-Museum), p. 90–105, 2017.

WINTER, Eduard, Doris HÖFLMAYER, Beatrix PATZAK, Walter FEIGL. Obduktionsbefunde in Wien seit Lorenz Biermayer—eine durchgehende 195jährige Dokumentation. **Wiener Medizinische Wochenschrift**, v. 2013, n. 13–14, p. 316–321, 2013.

WOLF, Johann. Der Botocude oder Aymoré. **Abbildungen und Beschreibungen merkwürdiger naturgeschichtlicher Gegenstände**, v. 2, n. 11, p. 129–140, 1821.

ZIBRT, Čeněk. Cedula komediantů a zvěřinců kočujících v zemích českých před sto lety. **Česky lid**, v. 21, n. 2, p. 79–91, 1912.